CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

CRISE NA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE HANNAH ARENDT:

Articulação entre pensar e agir

Franci Rose J.O. Araujo

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Filosofia e Ensino.

Orientador: Prof. Dr.Edgar de Brito Lyra Netto

Rio de Janeiro
Julho 2018

CRISE NA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE HANNAH ARENDT:

Articulação entre pensar e agir

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Filosofia e Ensino.

Franci Rose Jacintho de Oliveira de Araujo

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professor Dr. Edgar de Brito Lyra Netto – (PUC /CEFET/RJ) - Orientador

_____

Professora Dra. Taís Silva Pereira – (CEFET/RJ)

_____

Prof. Dr. Afonso Henrique Vieira da Costa – (UFRRJ)

SUPLENTES

_____

Professor Dr. Renato Noguera – (UFRRJ)

_____

Professor Dr. Leandro Pinheiro Chevitarese – (UFRRJ)

CEFET/RJ – Sistema de Bibliotecas / Biblioteca Central

A663 Araujo, Franci Rose J.O.
Crise na educação na perspectiva de Hannah Arendt : articulação entre pensar e agir / Franci Rose J.O. de Araujo.—2018.
75f. + anexos: il. (algumas color.) ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2018.
Bibliografia : f. 74-75
Orientador : Edgar de Brito Lyra Netto

1. Crises. 2. Nascimento. 3. Arendt, Hannah, 1906-1975. 4. Educação. 5. Filosofia. I. Netto, Edgar de Brito Lyra (Orient.). II. Título.

CDD 156

Elaborada pela bibliotecária Mariana Oliveira CRB-7/5929

DEDICATÓRIA

À minha mãe Nair Jacintho.
Um Ser Humano que semeava o amor

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha amada mãe que, mesmo longe, encontra-se tão perto de meu caminhar.

Agradeço aos meus filhos Mauricio Correia de Araújo Júnior, Caroline de Oliveira de Araujo e Franci Hellen de Oliveira de Araújo que são a minha fortaleza e o meu maior legado ao Mundo.

Agradeço ainda, a minha neta Sofia, que chegou para renovar as esperanças e nos acalentar com o seu sorriso cativante. Vejo amor nos olhos de Sofia. Sinto amor no abraço de Sofia. Sofia é o meu grande aconchego.

Eu venho de uma família de mulheres fortes! Onde cada uma dentro de suas possibilidades pegou o remo da vida de seus pequenos, cuidando, protegendo, mediando, crescendo juntos! Assumiram a responsabilidade de SER MÃE. Agradeço por fazer parte de uma família tão especial.

Aos meus amigos, um muito obrigado por todas as vezes que estiveram ao meu lado. E a todos que direta ou indiretamente contribuíram com a minha vida acadêmica.

Agradeço imensamente ao meu professor orientador, Professor Edgar Lyra pela paciência e pelo ensinamento. Um educador que nos comove a cada palavra de incentivo. Obrigada Professor Edgar Lyra por compartilhar seus saberes, sua experiência e sua vontade de fazer o melhor, em uma postura ética e profissional. Um educador intenso que valoriza e colabora na Formação Humana e Acadêmica de seus orientandos.

Estendo o meu agradecimento ao Prof. Affonso Henrique Vieira. Um professor como poucos, que não canso de agradecer por me mostrar o quanto é bela a Filosofia.

A essência da educação é a natalidade

(Hannah Arendt)

RESUMO

O trabalho proposto visa esclarecer o sentido de educação presente em Hannah Arendt, articulando-o com conceitos como "natalidade", "mundo", "autoridade" e "responsabilidade", de modo que se torne possível entrever as articulações entre educar e pensar. Tal empreitada não é fácil, tendo em vista que a própria autora se justifica por escrever sobre o assunto sem, no entanto, ser uma educadora profissional. Hannah Arendt, nesse sentido, vai refutar tal argumento, salientando que a crise é fruto de um contexto social mais amplo e que extrapola a esfera formal da educação. Ela é a expressão de uma crise mais ampla e profunda que se abate sobre o mundo moderno e que nos proporciona uma oportunidade de explorar tudo aquilo que ficou descoberto na essência do problema.

Palavras-chave: Hannah Arendt; Filosofia; Natalidade; Crise.

ABSTRACT

The proposed work aims to clarify the sense of education present in Hannah Arendt, articulating it with concepts such as "birth", "world", "authority" and "responsibility", so that it becomes possible to see the articulations between educating and thinking. Such an undertaking is not easy, given that the author herself justifies herself to write on the subject without, however, being a professional educator. Hannah Arendt, in this sense, will refute this argument, stressing that the crisis is the result of a broader social context and that goes beyond the formal sphere of education. It is the expression of a broader and deeper crisis that plunges into the modern world and provides us with an opportunity to explore all that has been discovered at the heart of the problem.

KEYWORDS: Hannah Arendt; Philosophy; Birth; Crisis.

SUMÁRIO

Introdução 10

1. Mas, qual é a crise que Hannah Arendt está se referindo? 16

1.1. O que é o Mundo? 21
1.2. O público e o privado 28
1.2.1. O domínio Privado: a propriedade 29
1.2.2. O domínio Público: o comum 30

2. A pluralidade enquanto condição da ação humana. Quem é o Homem para Arendt? 33

2.1. Eis a questão: Precisamos pensar sobre o que estamos fazendo? O Pensar à luz de Hannah Arendt 35
2.1.1. Busca pelo sentido, não por verdades. Um caminho entre o conhecer e o pensar a partir de Hannah Arendt 36
2.1.2. A natalidade e o mundo comum 41
2.2. Tradição, autoridade e educação 46

3. Educação e responsabilidade pelo mundo 55

3.1. *Primeiro pressuposto* 57
3.2. *Segundo pressuposto* 59
3.3. *Terceiro pressuposto* 60
3.4. Uma proposta de material didático para o Ensino Médio: Uma ponte ao Filosofar ..61
3.4.1 A experiência do *podcast* enquanto proposta de material didático no ensino de Filosofia 62
3.4.2 Metodologia de uso dos *podcasts* 64
3.4.3 O jogo PERIPATÉTICO: momento de sensibilização e provocação 67
3.4.4 O jogo 70
3.4.5 Entre o vencer ou perder, está o ouvir. Manual do Jogo Peripatético**.** 70
3.4.6 Peças do jogo 71
3.4.7 Jogadores 72
3.4.8 Dinâmica do jogo 72

Considerações Finais 74
Referências bibliográficas 76
Anexos 78

Introdução

O objetivo da presente dissertação é investigar a principal reflexão de Hannah Arendt sobre Educação, que se encontra no ensaio "A Crise na Educação", incluído na coletânea intitulada *Entre o passado e o futuro,* apresentando a proposta de material didático nela inspirada, ao final da dissertação. Articularemos o título por caminhos que acreditamos serem os mais adequados para que as investigações acerca da "Crise na Educação" possam ser aqui bem encaminhadas. A dissertação será desenvolvida a partir da leitura e interpretação de textos de Hannah Arendt: além de "A Crise na Educação" propriamente dita, também a *Condição Humana*, *Pensamento e Considerações Morais,* enfim, a título de complementação, comentadores e outras obras de Arendt.

É importante ressaltar que o trabalho ora apresentado não demonstra preocupação em constituir um manual pedagógico a ser seguido por educadores ou atividades padronizadas que levem alunos a melhorar seus rendimentos escolares. Muito menos, fornecer receitas para resolver qualquer tipo de crise. O que estamos propondo é a partir das reflexões da filósofa alemã – Hannah Arendt - ampliar nosso olhar para o que estamos fazendo com nossas vidas, diante de um mundo que está em constante movimento e que exige a cada dia uma ação. Como é possível em pleno século XXI ainda nos depararmos com ações que beiram a barbárie, a intolerância, a corrupção e falta de valores morais? Qual a nossa responsabilidade enquanto educadores dentro desse contexto? A educação está pontualmente em crise ou ela é reflexo de uma crise maior? O que propomos ao levantarmos essas questões não é construirmos verdades universais ou procurar culpados. O que propomos é um convite ao pensamento acerca do sentido da educação, tendo como aporte teórico as reflexões da filósofa alemã Hannah Arendt e com isso propiciar a abertura para um ensino de filosofia que contribua na formação humana de estudantes que sejam capazes de pensar criticamente, agir autonomamente e julgar suas ações levando em consideração que coexistimos em um mundo que é fruto das ações humanas.

No ensaio "Crise na Educação" Hannah Arendt se justifica pelo fato de escrever

sobre o assunto sem ser uma educadora profissional, salientando que a constatada crise na educação está relacionada ao momento da sociedade ocidental como um todo. Falar em crise na educação parece, em um primeiro momento, segundo Hannah Arendt, algo supérfluo, principalmente quando comparada a acontecimentos terríveis como as guerras mundiais e os campos de concentração e de extermínio.

Diz-nos Hannah Arendt:

> Apesar disso, se compararmos essa crise na educação com as experiências políticas de outros países no século XX, com a agitação revolucionária que se sucedeu à Primeira Guerra Mundial, com os campos de concentração e de extermínio, ou mesmo o profundo mal-estar que, não obstante as aparências contrárias de propriedade se espalhou por toda a Europa a partir do término da Segunda Guerra Mundial, é um tanto difícil dar a uma crise na educação a seriedade devida. (ARENDT, 2014, p.222).

Torna-se mais estranho ainda que alguém como a pensadora, que não é especialista no assunto, se preste ao papel de falar sobre isso. Diz-nos Hannah Arendt (2014, p.222), em que pese tais fatos, que se viu tomada pelo fato de que o problema educacional está para além da enigmática questão de saber por que Joãozinho não sabe ler?

A educação está em crise ou ela é reflexo da crise que se instalou no mundo? Por que crise na educação? É a partir desses questionamentos que o nosso problema de pesquisa faz-se presente.

A resposta à pergunta “Por que crise na educação?” remete-nos ao entendimento da necessidade de melhor esclarecimento do conceito de “crise”. A palavra crise é extremamente ambígua. Ela é definida de formas diversas, podendo, por vezes, comportar diferentes aportes. É comum ela ser empregada como sinônimo de declínio, dificuldade, perigo, conduzindo-nos a uma situação de pura decadência. No entanto, se formos analisar etimologicamente a palavra crise, veremos que é uma palavra de origem grega – *Krísis* –, donde sua compreensão poder ser pensada enquanto ruptura, momento crítico, ou de discernimento necessário.

Hannah Arendt entende a crise enquanto oportunidade, oportunidade essa que aponta o caminho para o novo, sem, no entanto, abandonar algo considerado por alguns

como falido. Esse caminho para o novo está permeado pelo confronto entre o presente e o passado que nos impulsiona para um futuro que seja pensável. É o momento decisivo, onde o conjunto de situações que nos é apresentado pede respostas às suas inquietações, dúvidas. Hannah (Arendt entende que uma crise nos dá uma oportunidade de explorar e investigar a essência da(s) questões) em tudo aquilo que foi posto a nu e ir mais à frente.

Nas palavras de Arendt:

> [...] uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (ARENDT, 2014, p. 223).

Uma crise, nesse sentido, nos oferece um ambiente privilegiado para o pensamento. É preciso refletir sobre a própria crise, pois a perda da capacidade de interferir na realidade depende de reflexão. Precisamos, a partir da Crise que se apresenta renovar as nossas esperanças de que a mudança é passível de acontecer, atentando para o fato de que a mudança deve vir acompanhada de respeito ao passado e responsabilidade pelo mundo que pertencemos.

Assim, é na possibilidade de pensarmos em uma educação que se relacione com a possibilidade de abertura para o pensamento crítico e autônomo que se encontra a relevância da contribuição de Hannah Arendt para a educação.

Marcelo Andrade[1] em *A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral* vai nos dizer que o pensamento na perspectiva de Hannah Arendt *não é normativo, mas envolve tão somente indicação de possibilidades.*

Educar nesse sentido, nos parece a abertura para a possibilidade de diálogo e reflexão sobre as nossas ações diante de um mundo que é fruto de nossas mãos.

Diz-nos Marcelo Andrade:

[1] Marcelo Andrade é doutor em ciências humanas pela Pontifícia Universidade Católica do RJ (PUC -Rio), é professor do Programa de Pós- Graduação em Educação na mesma instituição, no qual coordena em parceria com Vera Maria Candau o grupo de estudos sobre Cotidiano, Educação e Culturas.

> Transmitir conhecimentos é imprescindível, mas educar para o pensamento – com abertura, imprecisão e sem garantias – parece ser uma urgência para os nossos tempos difíceis. Apesar de a atividade do pensamento lidar com o invisível e ser fora da ordem, talvez ela seja a possibilidade de favorecer um ambiente que nos proteja da banalidade do mal; talvez seja a possibilidade de construção de um ambiente desfavorável para as intolerâncias assassinas de tempos tão sombrios. (ANDRADE, 2010, p.124).

É justamente nessa perspectiva que a discussão acerca do tema "crise na educação", articulação entre pensamento e ação, ganha a sua relevância e se justifica.

Tendo em vista as questões levantadas, esta pesquisa tem como objetivo geral:

- Compreender o sentido de Educação quando referenciado à obra de Hannah Arendt, articulando-o com conceitos como "natalidade", "autoridade" e "responsabilidade", "pluralidade humana", "público e privado", de modo que se torne possível entrever as relações existentes entre pensamento e agir a partir do ensaio "*A Crise na Educação"*.

E objetivos específicos:

- Ampliarmos o nosso entendimento acerca da indagação: por que crise na Educação a partir da conceituação de crise.

- Identificar os principais elementos que influenciam a relação entre o homem e o mundo existente.

- Apresentar ao final do projeto uma proposta de material didático que possa contribuir na formação humana de estudantes do ensino médio a partir do ensino de Filosofia e da reflexão de Hannah Arendt, contida basicamente no ensaio Crise na Educação.

Para esclarecermos, os principais elementos contidos no ensaio Crise na Educação de Hannah Arendt, encaminhamos nossa investigação pelos seguintes momentos, além da introdução:

No *primeiro momento*, a partir do título: "Mas, qual é a crise que Hannah Arendt está se referindo"? estruturamos nosso pensamento nos seguintes conceitos: A crise na educação enquanto momento oportuno para pensarmos em uma educação que se relacione com a possibilidade de abertura para o pensamento crítico ,o Mundo enquanto

produto do artificialismo humano e a relação do homem com a natureza a partir das três atividades humanas fundamentais na sua vida: o trabalho, a obra e a ação. Utilizaremos como grande aporte os escritos de Hannah Arendt presentes em *A condição Humana.* Outro assunto que será abordado serão os conceitos arendtianos de público e privado. O termo privado terá neste contexto da dissertação um significado em sua acepção original de privativo, onde o homem encontra-se privado da mais importante de suas capacidades, que, segundo a autora, é a ação política. O termo público será aqui discutido sob a ideia de coisa comum, de bem comum, na medida em que é partilhado por indivíduos que se relacionam entre si.

Neste encaminhamento, procuraremos levar o leitor a perceber que é por meio do nascimento que se torna latente a nossa característica de seres inacabados, visto que a cada momento, a História nos apresenta como novos em um mundo de recém-chegados.

No *segundo momento* discorreremos sobre a pluralidade enquanto condição da ação humana, assim como a necessidade de pensarmos para além dos limites do conhecimento. Para tanto, utilizaremos enquanto referencial a obra de Arendt intitulado "*Pensamento e considerações morais*", assim como "*A condição Humana*". Ainda no segundo momento partiremos da afirmação de Hannah Arendt de que "os seres nascem para o mundo", relacionando-a com o seu conceito de educação. Tal conceito contribuirá na compreensão da relação existente entre educação e o mundo assim como o sentido da educação.

Ao final do segundo momento procuraremos articular a ideia de que a crise na autoridade e, consequentemente, a crise na educação, está relacionada com a perda do fio da Tradição.

No *terceiro e último momento* refletiremos sobre as questões que estão envolvidas entre Educação e responsabilidade pelo mundo. Refletiremos também sobre os três pressupostos que, segundo a autora, norteiam a crise na educação. *Primeiro pressuposto:* a existência de um mundo da criança e umas sociedades formadas entre crianças, autônomas e que se deve, na medida do possível, permitir que elas governem. *Segundo pressuposto*: o ensino que sob a influência dos princípios do pragmatismo transformou-se em um ensino emancipado da matéria a ser ensinada (Arendt, 2014, p.231). *Terceiro pressuposto*: É a substituição do saber pelo fazer, onde prega que só é

possível compreender aquilo que se faz.

É válido esclarecer que nosso foco no caminhar desta dissertação estará na análise dos pressupostos que segundo Arendt, apontam para a compreensão da crise na educação enquanto uma crise geral do mundo moderno e não na análise pormenorizada dos conteúdos que balizam qualquer tipo de correntes pedagógicas ou a teóricos progressistas da educação. Ainda apresentaremos, ao final do terceiro momento, a proposta de material didático, fruto das reflexões levantadas durante o percurso do projeto apresentado

Chegando às *considerações finais*, procuraremos elaborar um pequeno esboço do lugar que atingimos com os desdobramentos propostos por este trabalho.

Capítulo 1 - Mas, qual é a crise a que Hannah Arendt está se referindo?

Hannah Arendt em seu ensaio "*Crise na Educação*" faz referência à Educação enquanto fruto da natalidade. Diz-nos a autora que a "essência da educação é a natalidade, o fato de que seres *nascem* para o mundo" (ARENDT, 2014, p.223). A educação, nesse sentido, diz respeito à nossa atitude diante desse mundo que se renova a cada nascimento. Assim a educação se apresenta na interseção entre um mundo que é mais velho que os recém-chegados e a grande potencialidade de renovação que os novos trazem consigo. Nascer, nesse sentido, significa um segundo nascimento, o novo, a contribuição pela renovação do mundo.

Cabe-nos nessa leitura de Hannah Arendt contribuir na compreensão da relação existente entre educação e o mundo e o sentido da educação, assim como elucidar a abordagem da autora sobre a "*Crise na Educação*".

Hannah Arendt não é uma especialista em educação, mas uma pensadora que observou e vivenciou os horrores totalitários da Segunda Guerra Mundial, empenhando-se em pensar e compreender seu próprio tempo. Um tempo sombrio construído por mãos humanas destituídas de juízos morais e capazes de cumprir sem questionar ordens de extrema crueldade envolta sob o véu do cumprimento eficiente de ordens superiores e que levaram a uma experiência de destruição em massa em escala sem precedente: tempo do nazismo, dos campos de concentração e extermínio.

Judia alemã, a pensadora se refugiou em Paris durante o período da Segunda Guerra Mundial, onde passou anos sobrevivendo de forma irregular até ser detida pela Gestapo e tornar-se prisioneira no campo de concentração em Gurs, conseguindo escapar em 1941 para os Estados Unidos antes de ser enviada ao complexo dos campos de concentração de Auschwitz, que funcionava como centro de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. O seu pensamento é indissociável de sua experiência judaica, sobrevivente de um extermínio burocraticamente organizado pelo governo nazista, que dizimou e perseguiu judeus, testemunhas de Jeová, ciganos, homossexuais, negros, doentes físicos e mentais, transformando o terror como *modus operandi* de um governo totalitário.

Longe de apresentar um cenário de vitimização, tais considerações preliminares

são decisivas para compreendermos o desenvolvimento do pensamento de Hannah Arendt e o entendimento de que sua obra é conseqüência de sua experiência. Ela não foi mera observadora dos horrores de seu tempo, mas vivenciou e testemunhou os horrores dessa época, horrores e atrocidades que assombraram o mundo e que não podem ser esquecidas.

Diz-nos a autora em entrevista a Günter Gaus:

> Não acredito que possa existir nenhum processo de pensamento sem experiência pessoal. Todo pensamento é um pensamento posterior, isto é, uma reflexão sobre algum fato ou assunto. Não é assim? Vivo no mundo moderno, e evidentemente minha experiência se dá no e sobre o mundo moderno. (ARENDT, 2008, p.50).

Partimos assim, do entendimento de que o empenho intelectual desta pensadora do Século XX esteve ligado à sua experiência de vida e à necessidade de compreender as questões de seu tempo.

Em seu ensaio "Crise na Educação", Arendt toma como ponto de partida a análise das políticas educacionais norte americana dos anos 1950, período posterior aos horrores da Segunda Guerra Mundial. Arendt vai procurar compreender de que forma é possível pensar a educação naquele cenário.

Adorno, assim como Arendt, defendeu a tese de que para se pensar em educação diante do horror ocorrido deve-se ter por exigência que Auschwitz não se repita:

> A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. (ADORNO, 1995, p.119).

Ainda Adorno:

> [...] se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que

> mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. (ADORNO, 1995, p. 119 e 134).

Nesse sentido, Adorno alerta que quanto maior a nossa ignorância, maior o perigo de nos mantermos inertes diante da realidade que nos cerca, nos fazendo crer que houve uma espécie de idissociabilidade histórica, ligada ao consumismo e ao individualismo desenfreado. Não mais nos indignamos diante das mazelas do mundo e repetimos mais um procedimento presente em Auschwitz - a coisificação das relações humanas - onde nos tornamos coisas e tratamos o outro como coisas. Olhamos o outro enquanto algo que pode ser descartado, que está fora de mim e por esse motivo não me é importante.

Assim, pensar a crise na educação, também no texto de Arendt, transcende o questionamento já apresentado: "Por que Joãozinho não sabe ler"?

Arendt nos diz que:

> Certamente, há aqui mais que a enigmática questão de saber porque Joãozinho não sabe ler. Além disso, há sempre a tentação de crer que estamos tratando de problemas específicos confinados a fronteiras históricas e nacionais, importantes somente para os imediatamente afetados. É justamente essa crença que se tem demonstrado invariavelmente falsa em nossa época: pode-se admitir como uma regra geral neste século que qualquer coisa que seja possível em um país, em futuro previsível, ser igualmente possível em praticamente qualquer outro país. (ARENDT, 2014, p. 222).

Qual é então a crise a que Hannah Arendt está se referindo?

A crise apontada pela autora não se refere a uma crise particular de um país ou de um determinado local. Tampouco é uma questão que diz respeito apenas ao próprio âmbito da educação e que tem sua possível solução para a crise nas ações ditas internas. A crise na educação vai além de um problema restrito, particular, de um âmbito social de países distintos ou de uma limitada situação.

Segundo Arendt, os problemas educacionais são expressão de uma crise mais ampla e profunda que se abate sobre o mundo moderno e que nos proporciona uma oportunidade de explorar tudo aquilo que ficou encoberto na essência do problema. A referida crise afeta e é efeito da realidade Mundial. São, na verdade, questões que importam aos homens, à sua formação, à possibilidade de criação a partir de um sentido

a ser conquistado.

Nesse sentido, a preocupação da autora nos parece estar no entendimento do significado político da ação humana e propõe pensarmos o que estamos fazendo enquanto seres humanos ativos no mundo, bem como a escola, como instituição formal da educação, nos parece ser importante que seja compreendida a partir da inter-relação entre a esfera pública e a privada. Dessa forma a escola se apresenta e é afetada pelas exigências familiares e da sociedade. Impossível pensar na escola sem levar em consideração o contexto em que ela se encontra na sociedade. Existem escolas que visam à emancipação, a reflexão; outras o adestramento, a submissão. O que tem de comum em cada uma dessas escolas é a proposta de sociedade que pretendem manter ou construir, e a concepção de Homem que se pretende que sustente essa sociedade.

Quando nos deparamos com uma escola onde os alunos utilizam de violência para com os seus professores e professores agindo também com violência ou apatia frente a essa violência, evidencia-se um processo de crise que vai além de fatos pontuais de uma escola ou de uma turma. Tal ação nos leva a refletir sobre a falta de respeito, autoridade, solidariedade, vida em grupo, que deveriam ser fortalecidos em uma instituição de ensino formal como é a escola. Remete-nos a pensar sobre qual a nossa responsabilidade enquanto professores diante dessa situação.

Como contribuir na formação de alunos que estão inseridos dentro de uma sociedade de massa, onde tudo pode ocorrer de forma tão rápida e sem maiores reflexões, onde a preocupação pelo interesse de um grupo é substituída pela sobrevivência de "cada um", onde se busca de forma desenfreada o possuir e o consumir.

Afirma Arendt em *Entre o passado e o futuro* que:

> [...] uma sociedade de massa nada mais é que aquele tipo de vida organizada que automaticamente se estabelece entre seres humanos que se relacionam ainda um aos outros, mas que perderam o mundo outrora comum a todos eles. (ARENDT, 2014, p.126).

Nesse sentido, as pessoas inseridas na sociedade de massa encontram-se envoltas em uma perspectiva de desinteresse pelo mundo comum, onde este não é visto como espaço que agrega interesses comuns e que para sua manutenção é necessária a ação

conjunta entre os homens. Estamos diante de um modelo de sociedade onde os interesses comuns não estão apresentados enquanto prioridade, e o homem de massa acaba abdicando da livre iniciativa e da ação em grupo, deixando fugir de suas mãos a capacidade de criar o novo, de se fazer presente e atuante diante de um mundo plural onde segundo Arendt, em *A Condição Humana*, somente a presença de outros, que vêem e ouvem o que vemos e ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós próprios.

Essa sociedade de massa desprovida de mundo faz de seus habitantes mais um ser no planeta, homogêneo e previsível, transformando-o, como afirmara Nietzsche, em um "animal de rebanho". O que realmente importa nessa sociedade são a individualidade, o conformismo e o consumo, onde o indivíduo e sua individualidade perdem força diante da homogeneização das diferenças em nome de tornar-se aceito perante essa sociedade massificada, padronizando as pessoas para que sejam aceitas e não resistam ao que é imposto. Assim sendo, a sociedade de massa, torna-se um caminho fértil para a dominação dos regimes totalitários.

Encontramos no artigo de Fábio Passos a ótima citação de Arendt que aponta a característica de passividade e de perda de identidade presente nas sociedades massa:

> Quem aspira ao domínio total deve liquidar no homem toda a espontaneidade, produto da existência da individualidade, e persegui-la em suas formas mais peculiares, por mais apolíticas e inocentes que sejam. O cão de Pavlov, o espécime humano reduzido às reações mais elementares, o feixe de reações que sempre pode ser liquidado e substituído por outros feixes de reações de comportamento exatamente igual, é o 'cidadão' modelo do Estado totalitário; e esse cidadão não pode ser produzido de maneira perfeita a não ser nos campos de concentração. (ARENDT, 2005, apud PASSOS 2010, 63).

Neste contexto, a falta de referência nos assuntos comuns e a possibilidade do surgimento de regimes totalitários, traz à luz características totalitárias da sociedade moderna que refletem na crise na educação.

Nessa perspectiva, a crise, segundo a autora, está relacionada às características básicas da sociedade Moderna: às relações entre as pessoas, às formas de convivência e ao sentido que ela dá à sua existência. Arendt pretende expor as condições de possibilidade da crise fazendo-a dialogar com a essência da educação que é a natalidade. Entretanto, para que possamos entender o que diz a pensadora acerca da essência da

educação, faz-se necessário elaborarmos uma compreensão prévia do que ela entende por mundo.

1.1. O que é o Mundo?

Segundo Hannah Arendt, “os seres nascem para o mundo”. No entanto, o mundo a que se refere a autora não é simplesmente o mundo que está à nossa volta. É a relação que mantemos com esse mundo o que importa. Mas, o que é essa relação?

Para melhor estruturarmos o pensamento, devemos esclarecer que o Mundo em questão não é o equivalente à Terra. A Terra é o nosso habitat, não apenas dos seres humanos, mas de todo ser vivo. O Mundo aqui tratado, segundo Hannah Arendt, é "produto do artificialismo humano, o local onde apenas os homens coexistem".

Diz-nos André Duarte:

> [...] o conceito arendtiano de “mundo” refere-se ao conjunto de artefatos e de instituições criadas pelos homens, os quais permitem que eles estejam relacionados entre si sem que deixem de estar simultaneamente separados entre si. O mundo não se confunde com a Terra ou com a natureza, mas diz respeito às barreiras artificiais que os homens interpõem entre si e entre eles e a própria natureza, referindo-se, ainda, àqueles assuntos que aparecem e interessam aos humanos quando eles entram em relações políticas uns com os outros. Em sentido político mais restrito, o mundo é, também, aquele conjunto de instituições e leis que é comum e aparece a todos, [...] (DUARTE, 2010, p. 54-55).

Podemos dizer que o conceito de mundo defendido pela autora ultrapassa um conceito habitual de mundo enquanto soma de coisas feitas pelo Homem e se apresenta de forma conceitual enquanto espaço da coexistência humana.

E é justamente nessa forma com que o ser humano constrói o mundo à sua volta, por vezes agindo sobre ele, outras se adaptando ao que já estava antes dele, o que o difere dos outros seres vivos. Isso, de algum modo, exemplifica o conceito de Mundo na perspectiva de Hannah Arendt em “A crise na Educação”. O que está em questão é, portanto, a relação do homem com a natureza, com os artefatos produzidos e com os outros homens como seres produtivos.

E como se dá essa relação?

Segundo a autora, construções e artefatos asseguram aos seres humanos um lugar duradouro no meio da vida e da natureza, em que tudo aparece e desaparece na alteração incessante de vida e morte. A autora, segundo Vanessa Sievers de Almeida, "enfatiza que nossa existência abrange esferas em que essas necessidades não são os fatores determinantes por excelência e que isso é específico do ser humano, em contraposição ao resto da natureza" (ALMEIDA, 2011, p.21). Quais seriam então esses fatores determinantes? Seriam fatores biológicos? Culturais? Sociológicos?

Hannah Arendt vai descrever em *A condição humana* as três atividades humanas fundamentais na vida dos homens: *o trabalho, a obra e a ação.* Elas são fundamentais tendo em vista que cada uma delas corresponde a uma das condições básicas da Terra. Distinguir essas atividades humanas faz-se necessário para melhor entendimento da reflexão arendtiana.

Apesar de estarem aqui representadas de forma destacada ou elencadas, elas não podem ser entendidas como uma fragmentação da vida ativa humana, mas sim como uma leitura que leve ao entendimento da inter-relação dos conceitos aqui apresentados. Não estamos falando de uma fórmula ou de uma gaveta com diferentes repartições que em um momento abre-se uma caixinha e em outro momento abre-se outra. Ao contrário, elas são fenômenos que estão constantemente em contato mútuo e correspondem intimamente com a condição mais geral do ser humano, a saber: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade.

Assim:

> O trabalho assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. A obra e seu produto, o artefato humano, conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja para a história. (ARENDT, 2010, p.10).

Dessa forma, o trabalho e a obra, assim como a ação, estão também enraizados na natalidade, na medida em que têm a tarefa de prover e preservar o mundo. No entanto, é na ação que encontramos a relação mais estreita com a condição humana da natalidade.

O trabalho é a atividade que denota submissão à natureza. Acerca da origem da

palavra trabalho, Albornoz nos diz que:

> [...] em nossa língua a palavra *Trabalho* se origina do latim *tripalium* embora outras hipóteses a associem a trabaculum. Tripalium era um instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los e esfiapá-los. A maioria dos dicionários, contudo, registra *tripalium* apenas como Instrumento de tortura, o que teria sido originalmente, ou se tornado depois. (ALBORNOZ, 1986, p.10).

Segundo Arendt, do ponto de vista etimológico, o sentido de *trabalho* sempre esteve ligado às noções de experiências corporais. Dessa forma, nos diz Arendt:

> [...] cada indivíduo que, na medida em que trabalha e consome, é sempre um *animal laborans*, que é, realmente, apenas uma das espécies animais que povoam a Terra – na melhor das hipóteses, a mais desenvolvida. (ARENDT, 2011, p.104).

O *trabalho* consiste no mundo privado.

É ele que garante a sobrevivência do indivíduo e perpetua sua espécie em um movimento cíclico de vida e morte. Enquanto preservação da vida temos necessidades biológicas que garantem a nossa existência enquanto seres vivos. Necessitamos nos alimentar, por exemplo. Sem o alimento, o nosso corpo não é capaz de manter-se vivo. Assim sendo, o simples ato de alimentar-se é o que mantém a nossa sobrevivência, satisfazendo, de algum modo, a necessidade básica da vida.

Sob este prisma, Arendt nos diz que a condição humana do trabalho é a própria vida. Nesse contexto, o homem se aproxima de todos os animais que habitam a Terra. Temos, então, a denominação de *animal laborans* para o homem enquanto aquele que labora para prover a sua própria subsistência. O *animal laborans* (trabalho de nosso corpo - ARENDT, 2011, p.105), preocupa-se em se satisfazer primariamente, não permanecendo no mundo tempo suficiente para se tornar parte dele, manifestando assim, sua natureza animal e temporária e sua necessidade de subsistir e de consumir. Trabalhar nesse sentido é sujeitar-se às exigências da natureza humana, é estar presa as necessidades vitais do homem, dispensando a presença do outro, garantido a todo custo o próprio sustento.

Afirma Arendt acerca do trabalho:

> Realmente é típico de todo trabalho nada deixar atrás de si, que o resultado do seu esforço seja consumido quase tão depressa quanto o esforço é despendido. E, no entanto, esse esforço, a despeito de sua futilidade, decorre de uma enorme premência e é motivada por um impulso mais poderoso que qualquer outro, pois a própria vida depende dele. (ARENDT, 2011, p.107).

Estaria a autora desvalorizando a atividade do trabalho?

Acreditamos que não. A preocupação de Arendt não está em desvalorizar a atividade do trabalho, o que se pretende é abrir caminhos para o debate acerca da redução do homem a um animal que trabalha, tendo em vista que na Modernidade o trabalho deixa de ser uma atividade banal de exclusiva sobrevivência animal e é enaltecida enquanto categoria central da atividade humana. Se na antiguidade o trabalho era visto sob a ótica da escravização, na modernidade ele ganha o status de atividade necessária para nos tornarmos ainda mais humanos.

Vale à pena salientar que para Arendt apesar do trabalho na Antiguidade ser visto sob o aspecto da escravização, ele não pode ser desdenhado.

Arendt aponta que:

> A opinião de que o trabalho e a obra eram desdenhados na Antiguidade pelo fato de que somente escravos os exerciam é um preconceito dos historiadores modernos. Os antigos raciocinavam de modo contrário: achavam necessário ter escravos em virtude da natureza servil de todas as ocupações que fornecessem o necessário para a manutenção da vida. (ARENDT, 2011 p. 102).

Assim segundo Arendt, trabalhar significava ser escravizado pela necessidade, e essa escravização era inerente às condições da vida humana é algo que não poderia ser esquecido pela Modernidade.

Na fala da autora:

> Ao contrário do que ocorria na sociedade escravista, na qual a "maldição" da necessidade era uma realidade muito vivida porque a vida de um escravo testemunhava diariamente o fato de que a "vida é escravidão", essa condição já não é hoje inteiramente manifesta; e por não aparecer tanto, torna-se muito mais difícil notá-la ou lembrá-la. (ARENDT, 2011, p. 150).

O perigo desta constatação está no fato do homem em sua ignorância, não perceber que está sujeito às suas necessidades e que sob o véu da ignorância possa ser escravizado por ela.

A promoção do trabalho, enquanto a mais estimada de todas as atividades humanas, segundo Arendt, começou com a descoberta de Locke – trabalho enquanto fonte de propriedade. Prosseguiu com Adam Smith - trabalho enquanto criador de toda riqueza - e culminou com Karl Marx – trabalho enquanto fonte de toda a produtividade e expressão da humanidade do homem. John Locke salienta em sua obra - *Segundo tratado sobre o governo civil* - que o trabalho é o meio pelo qual nos tornamos proprietários, sendo a propriedade o que nos caracteriza enquanto ser humano. Nesse sentido, trabalho e propriedade são sinônimos. Somos proprietários de nosso corpo o que nos eleva à condição de apropriação e de números de propriedade. Assim, é o meu corpo que caracteriza a minha força de trabalho e me edifica enquanto ser humano, ou seja, o homem se constitui enquanto homem por meio de sua atividade do trabalho. Adam Smith e Karl Marx concordam na concepção de trabalho enquanto fonte de riqueza.

A diferença entre ambos está justamente na distribuição da riqueza. Enquanto Smith legitima a apropriação dos donos do capital, Marx aponta para a necessidade de uma distribuição da riqueza entre a classe trabalhadora. Hannah Arendt em sua obra *A Condição Humana* vai apontar para o fato de que Marx, ao pensar sobre o trabalho, o fez reduzindo-o a apenas uma dimensão – sem distinguir labor e trabalho ou fabricação, salientando ainda que a Era Moderna, no lugar de realizar a distinção entre labor e trabalho, fez a opção em realizar a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo, qualificado e não qualificado, manual e intelectual.

Hannah Arendt sustenta que:

> O motivo da promoção do trabalho como obra na era moderna foi a sua "produtividade"; e a noção aparentemente blasfema de Marx de que o trabalho (e não Deus) criou o homem, ou de que o trabalho (e não a razão) distingue o homem dos outros animais, era apenas a formulação mais radical e consistente de algo com que toda a era moderna concordava. (ARENDT, 2011, p. 106).

Arendt dessa forma nos alerta para um cenário da Era Moderna que glorifica o trabalho pelo trabalho e a produtividade pela produtividade e no perigo de estarmos criando uma sociedade centrada na produtividade infinita e no consumo desenfreado. O nosso objetivo ao fazer esse recorte preliminar é abrir caminhos para a compreensão da sociedade moderna e do que estamos fazendo enquanto homens que habitam e coexistem neste mundo. Assim, pensar o mundo do trabalho torna-se fundamental dentro do contexto de nossas relações de coexistência.

Talvez neste momento, possamos dizer que tanto Marx quanto Arendt apresentam caminhos para se pensar a sociedade que vivemos. Marx sob a ótica de acabar com as desigualdades econômicas e Arendt sob o viés do espaço público – da ação política.

Retornando as assertivas de Hannah Arendt sobre a vida activa, é necessário fazer uma diferenciação entre *trabalho* e *obra.* A obra que é – trabalho produtor de bens duráveis - difere do trabalho justamente pelo seu caráter de durabilidade, que independente da duração da vida de seu criador, garante a sua permanência no mundo mesmo após a morte de seu criador. Dessa forma:

> A obra é a atividade correspondentes à não naturalidade da existência humana, que não está engastada no sempre - recorrente ciclo vital da espécie e cuja mortalidade não é compensada por esse último. (ARENDT, 2011 p.8).

Consiste na ação de transformar o mundo material em mundo artificial. É o criador, o *Homo Faber* dando forma a esse Mundo.

> A obra proporciona um mundo "artificial" de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras é abrigada cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas elas. (ARENDT, 2011, p.8).

A condição humana correspondente à obra é a mundanidade. O mundo "tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas". De acordo com a filósofa alemã (ARENDT, 2011.p.10): "A obra e seu produto, o artefato humano, conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano."

O *Homo Faber* demonstra uma natureza criadora à medida que é o criador do artifício humano ou, nas palavras de Arendt, *construtor do mundo (*ARENDT, 2011, p. 167). É o homem enquanto fabricante de artefatos duráveis que contribui na construção do mundo em que vivemos.

Na fala de Hannah Arendt:

> A obra de nossas mãos, distintamente do trabalho do nosso corpo – o *homo faber* – que produz e literalmente " opera em", distintamente do *animal laborans*, que trabalha e "se mistura com " -, fabrica a infinita variedade de coisas cuja soma total constitui o artifício humano. Em sua maioria, mas não exclusivamente, essas coisas são objetos destinados ao uso, dotadas da durabilidade. O uso adequado delas não causa seu desaparecimento, elas, elas dão ao artifício humano a estabilidade e a solidez sem as quais não se poderia contar com ele para abrigar a criatura mortal e instável que é o homem. (ARENDT, 2011, p.169).

A *ação*, por fim, é o que determina o humano enquanto humano, é o espaço público em que suas ações se fazem e entram em choque, é o espaço político de enfrentamento das múltiplas posições e oposições. Segundo a autora, "é a atividade política por excelência" (ARENDT, 2011, p. 10). Não há nessa relação mediação das coisas ou matérias. Por viverem na Terra e habitarem o mundo juntos os homens são capazes de colocar a si mesmos, mediante a ação e o discurso, em relacionamento uns com os outros. "Todas as atividades humanas", diz-nos Hannah Arendt, "são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos, mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens". (ARENDT, 2011, p.26).

A ação muda, por sua vez, não seria ação, pois não haveria mais a figura dos homens enquanto ator do discurso.

O discurso materializa a singularidade e coloca o ator do discurso em uma posição de agente, onde ele pode se mostrar, anunciar o que pretende fazer ou o que fez. É nessa relação entre discurso e ação que o agente do discurso revela-se para o mundo, sendo capaz de comunicar a si próprio e não apenas comunicar algo. Ele se mostra e, na mesma medida, é tocado pelo outro. É neste espaço, onde as contradições, os confrontos, as diferenças e as aproximações acontecem é que o espaço político se faz presente. Assim, nenhuma outra atividade humana depende tanto do discurso quanto a ação.

Um homem isolado e fora da convivência com outros homens continua podendo ser *laborans* e *faber*, mas não pode ser político.

Nas palavras de Hannah Arendt, "a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas *qua* homens". (ARENDT, 2011, p.220).

O Mundo, nessa perspectiva da ação, é visto dentro de um contexto de pluralidade, onde não pode ser compreendido como o lar de poucos, mas enquanto o Mundo de vários, é o momento do convívio compartilhado, onde é possível ouvir , ver e falar , a partir de um contexto de respeito ao outro e da possibilidade de interagir neste mundo e deixar o seu legado. Desta forma, nos mostramos ao mundo enquanto iguais, pois estamos ligados a mesma natureza humana e plurais na medida em que compartilhamos o mundo uns com o outro. É um Mundo que deve ser preservado como *lócus* da vida dos homens. A ação, desse modo, é a atividade pela qual o homem se relaciona com os seus iguais, sabendo que são "homens, e não o Homem que vive na Terra e habitam o mundo" (ARENDT, 2011, p. 8).

1.2. O Público e o Privado

Como vimos, em *A Condição Humana*, Hannah fundamenta *a vida activa* em três fundamentos: o trabalho, obra e a ação. Sobre ao trabalho, Arendt afirma que ele é necessário à sobrevivência biológica e torna-se efetivo na figura do *animal laborans*. Em relação à obra, ela é o estado do *homo faber* que produz objetos duráveis

partilhando o seu saber de fabrico com outros homens. A ação é a única característica da essência humana que depende exclusivamente da contínua presença do outro.

Hannah Arendt enquadra o trabalho e a obra, o domínio da esfera privada, enquanto a ação está no domínio da esfera pública. Os conceitos arendtianos de público e privado remontam à *pólis*, na qual essas esferas eram claramente separadas. (ARENDT, 2011, capítulo II).

1.2.1. O domínio Privado: a propriedade

O termo "privado", segundo Hannah Arendt em *A Condição Humana***,** tem significado, em sua acepção original de privativo.

Na Grécia Antiga, o chefe da família segundo a autora, proporcionava os alimentos e a segurança em face de ameaças internas e externas, a mulher era propriedade do chefe da família e competia-lhe procriar e cuidar dos filhos. Assim a necessidade motivava toda a atividade no lar. O chefe da família comandava e os demais eram comandados. Exercendo assim um poder totalitário sobre a vida e a morte.

Na esfera privada, o homem encontrava-se privado da mais importante das capacidades – a ação política.

Hannah afirma que:

> Viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, estar privado de coisas essenciais a uma vida verdadeiramente humana: estar privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação "objetiva" com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. (ARENDT, 2011, p. 71).

É preciso acrescentar que a esfera privada tem enorme importância, por exemplo, para a educação, porque é nela que os pequenos devem ser pouco a pouco preparados para lidar com as demandas do mundo público. Na definição dessa importância reside, inclusive, boa parte da discussão de *A Crise na Educação.*

1.2.2. O domínio Público: o comum

É a esfera do comum na vida política. Baseia-se no uso da palavra e da persuasão através da arte da política e da retórica.

Para Aristóteles, a esfera pública era o domínio da vida política que se exercia através da ação (*práxis*) e do discurso (*léxis*). Os cidadãos exerciam a sua vida política participando nos assuntos da pólis. Vencer as necessidades da vida privada constituía a condição para aceder à vida pública. Nesse sentido, o poder da palavra através da persuasão substituía força e a violência da esfera privada.

O termo público remete para dois fenômenos distintos, mas que se relacionam. O público centra-se na ideia de que tudo o que vem a público está acessível a todos, podendo ser visto e ouvido por todos, tendo assim a maior divulgação possível. Quando divulgamos um pensamento ou um sentimento através de uma estória, o privado torna-se público, tendo em vista que uma vez visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos, ele se mostra e torna-se aparente. O conceito de aparência está relacionado com a capacidade de tudo o que é visto e ouvido constituindo assim a realidade. A garantia deste fenômeno depende de uma condição essencial: os outros têm de partilhar a realidade do mundo e de nós mesmos.

No entanto, para Hannah Arendt há sentimentos que não podem ser inteiramente divulgados aos outros no espaço público. Hannah cita em *A Condição Humana* dois fatores que correspondem a essa afirmação: a dor física e o amor. A dor física enquanto sentimento mais intenso que conhecemos é o menos comunicável e mais privado de todos os sentimentos.

> Não é apenas talvez a única experiência à qual somos incapazes de conferir um aspecto adequado à aparição pública; na verdade, ela nos priva de nosso senso de realidade a ponto de podermos esquecer esta última mais rápida e facilmente que qualquer outra coisa. (ARENDT, 2011, p. 62).

Assim, não parece encontrar uma relação entre a subjetividade na qual eu não sou "reconhecível", e o mundo exterior da vida. (Arendt, 2011, p 62).

Em outras palavras:

> [...] a dor, que é realmente uma experiência limítrofe entre a vida, no sentido de "estar entre os homens" *(inter homines esse*), e a morte são tão subjetivas e alheias ao mundo das coisas e dos homens que não podem assumir aparência alguma. (ARENDT, 2011, p, 62)

Neste sentido, parece impossível para o outro sentir intensamente a nossa dor.

O amor, contrapondo-se à amizade, também se apresenta no âmbito privado, tendo a sua morte quando é trazido a público, sendo falsificado e pervertido quando utilizado para fins políticos, a saber: enquanto transformação ou salvação do mundo. Arendt, em *A Condição Humana*, afirma a irrelevância do amor ao âmbito público, ao âmbito das aparências, tendo em vista que ele não é capaz de tolerar a luz implacável do espaço público e muito menos de suportar a visibilidade constante perante a presença dos outros, pois corre o risco de desconfiarem da originalidade do sentimento.

Este domínio público pode ter um encanto, segundo Arendt, tão extraordinário e contagiante que todo um povo pode considerá-lo como modo de vida, sem, no entanto alterar o seu caráter de privado. Exemplo deste fato, é o ocorrido no início do século XX em quase todas as línguas européias, em especial no *petit bonheur* do povo francês onde com o declínio do domínio público, os franceses passaram a ver a felicidade entre "*petit bonheur" – "pequenas coisas"* ou seja, no espaço privado de seu lar: "no espaço de suas quatro paredes, entre a cômoda e a cama, a mesa e a cadeira, entre o cachorro, o gato e o vaso de flores" (ARENDT, 2011, p.63) .

Em segundo lugar o termo "público" centra-se na ideia de coisa comum. A realidade do mundo tem um bem comum ou interesse comum do artefato e dos negócios humanos, na medida em que é partilhado por indivíduos que se relacionam entre si. Arendt sinaliza que com a sociedade de massa o homem perdeu a capacidade de viver em comum limitando-se ao mero consumo.

Assim, dentro deste contexto apresentado, partimos da perspectiva ontológica de Hannah Arendt acerca do conceito de mundo e as relações nele estabelecidas para buscar um caminho de compreensão do que seria crise na educação sob o viés da filósofa. O mundo aqui apresentado configura-se como espaço da coexistência humana e fruto do seu artifício. A crise educacional que assola a Modernidade foi aqui apresentada como um sintoma de uma crise mais ampla e que se reflete na educação. Trata-se de uma crise política dos tempos modernos, onde o domínio da esfera privada

prevalece sobre o domínio da esfera pública. Com a Modernidade perdeu-se a ideia de mundo comum e surgiu uma sociedade de massa que tem enquanto força matriz a preservação da vida e o consumismo.

A partir da leitura, sobretudo de “Crise na Educação”, enfim, sob o olhar da filósofa alemã Hannah Arendt, sobrevivente dos horrores do nazismo, somos desafiados a pensar sobre as relações que são estabelecidas neste mundo que é fruto das nossas ações e falas, de nossa interação com o outro. Seria possível, conviver com o outro em um mundo onde os horrores dos regimes totalitários, aconteceram? Seria possível construir algo em comum entre nós para além do caráter utilitário das coisas? Na tentativa de pensar sobre essas questões, é importante situar a condição humana neste contexto. Para tal, responder a pergunta: Quem é o Homem para Hannah Arendt? torna-se primordial.

Capítulo 2 – A pluralidade enquanto condição da ação humana. Quem é o Homem para Hannah Arendt?

Quem habita este planeta
não é o homem, mas os homens.
A pluralidade é a lei da Terra.
(Hannah Arendt)

Somos sabedores de que, para cuidarmos de nossa vida, precisamos satisfazer necessidades determinadas e imprescindíveis para a nossa sobrevivência. Para saciar a fome, como retrata Vanessa Sievers, produzimos alimentos que, em seguida, consumimos. No entanto, é claro que não consumimos apenas alimentos. Consumimos estilos de vida, produtos culturais, emoções, imagens. E levando em consideração a atual realidade que nos cerca, esse viés consumista é a cada dia mais exacerbado, colocando-se no mesmo patamar de carência vital, seja ela biológica ou não.

A pluralidade se dá segundo Hannah Arendt, como condição básica da ação e do discurso. É justamente nesse contexto entre plural e singular que o Ser Humano experimenta o mais próprio da condição humana. Para Arendt, se os homens não fossem iguais, eles seriam incapazes de compreender-se entre si e os seus antepassados, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras.

No entanto, se não fossem diferentes, ou seja, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazer entender, pois é no discurso que ficam estabelecidos os elementos da ação. Os outros animais que não possuem o elemento especial da fala e do encadeamento das ideias limitam-se ao isolamento de uma vida privada e do suprimento de ter a sua condição restringida a simples sobrevivência.

Nessa perspectiva, o homem que se deixa levar simplesmente pela determinação de sua própria sobrevivência se assemelha à condição de escravo. Não estamos aqui fazendo relação com a condição de escravo por força de lei. Aquele que viu extraída sua liberdade por força da legislação. Não é a esse escravo que estamos nos referindo. O escravo em questão é o que se deixa ser escravo de seu trabalho, de seu vestir, das mercadorias que consome freneticamente, até mesmo o alimento que ingere, tornando-se assim um organismo em que proliferam pesticidas, violência, alienação e

passividade. É o escravo que para fazer parte de um grupo acaba esquecendo que enquanto um indivíduo político ele é capaz ter uma ação nesse mundo.

Na fala de Nietzsche:

> Todos os homens se dividem, em todos os tempos e também hoje, em escravos e livres; pois aquele que não tem dois terços do dia para si é escravo, não importa o que seja: estadista, comerciante, funcionário ou erudito. (NIETZSCHE, 2000, p. 283).

Os prédios e artefatos construídos por ele acabam se convertendo em sua maior prisão, onde grades, arranha-céus, olhares sombrios diante do medo do outro que se aproxima completam o ciclo de escravidão que desenvolvemos nessa breve reflexão.

Contrapondo-nos a isso, percebemos que cada ser humano que nasce é singular, e a partir dessa singularidade tem a chance de utilizar-se de toda a sua potencialidade e de trazer algo novo ao mundo.

Segundo Vanessa Sievers, em *Educação em Hannah Arendt*, "com suas ações as pessoas constantemente criam e re-criam o espaço - entre, e assim estabelecem um mundo comum - lugar da política e palco das histórias humanas (ALMEIDA, 2011, p. 23)." No entanto, ela também aponta para o caráter plural do ser humano. Esta pluralidade, segundo Arendt, é especificamente a condição de toda vida política. Viver, neste sentido, constitui a experiência de estar entre os homens e morrer, o que, por sua vez, significa deixar de estar. Assim, o homem, para Hannah Arendt, é aquele que se estabelece em sua pluralidade como dito no início de nossas reflexões.

Cabe-nos, nessa leitura de Hannah Arendt, entender o ser humano enquanto “homens” com toda a sua singularidade e pluralidade que lhes é peculiar, onde o conceber e o reconhecer os constituem enquanto o que eles mesmos são. Assim sendo, o ser humano se constrói pelo trabalho, mas se constituí no processo da ação. É constituindo-se enquanto homens que colocam como grande legado criar formas e convivências que vão para o além da própria sobrevivência e das necessidades básicas da vida. Somente a ação é prerrogativa exclusiva dos homens. Nenhum animal é capaz de tal prerrogativa. E apenas a ação depende inteiramente da constante presença dos outros.

2.1. Eis a questão: Precisamos pensar sobre o que estamos fazendo? O Pensar à luz de Hannah Arendt.

Em uma sociedade onde as informações estão a cada dia mais aceleradas, onde em apenas um toque é possível ter acessos a centenas de informações e ser visto por milhares de pessoas de diferentes partes do mundo. Uma sociedade que se rende à competição, à tecnologia e ao consumo, e que pode nos levar ao entendimento que os conhecimentos do passado são obsoletos e que nada têm a nos apresentar enquanto habitantes de um mundo repleto de novidades e progresso científico. Nesta sociedade, precisamos estar atentos e antenados às novas tecnologias criando mecanismos que nos permitam sobreviver.

O que realmente tem importância - neste contexto - é possuir o Iphone de última geração, ou ter um canal do Youtube, minhas fotos receberem *likes*, ter seguidores e a roupa da moda. E é pensando nessas necessidades que precisamos criar artefatos que vão dar conta de suprir nossas necessidades em uma sociedade onde tudo surge e desaparece a todo o momento. Possivelmente neste cenário apresentado, a geração mais velha pouco ou quase nada teria a acrescentar.

Acreditamos que fechar os olhos para essa sociedade e colocar um véu nesse cenário em nada contribui para a sobrevivência de uma sociedade plural e menos excludente.

Vivemos atualmente em uma sociedade consumista e excludente. Fato.
Mas também vivemos e convivemos com um mundo que é constituído por nossas mãos, por várias mãos, e pelo que pensamos sobre ele. Um mundo que surge a partir do que fazemos com ele, em uma relação de reciprocidade. Recebemos do mundo o que damos a ele. Somos doadores e construtores de um mundo de desrespeito ao outro, de violência, de intolerância, de racismo, de consumismo e radicalismos. Somos capazes de baixar nossos olhos diante de uma cena de intolerância ou violência em nome de nossa sobrevivência. Afinal, o mais esperto é o que sobrevive, diriam alguns.

Nesse sentido o mundo caminha sofregamente em busca de uma saciedade que está sempre ditando normas e padrões a serem seguidos por todos. Aqueles que não o seguem, caem na teia do preconceito e da discriminação.

Percebemos assim que o mundo que está posto e deixado para os novos, é ainda, um espaço de violência, de consumo, desrespeito, corrupção. É o mundo da fabricação e da massificação. O mundo das multidões tão isoladas em seus próprios assuntos que não vêem espaço para tratarem dos assuntos da cidade. Mas também é o mundo onde somos capazes de coexistir com o outro e criar formas de convivência que ultrapassem o consumo desenfreado, a violência, a intolerância, o racismo e o caráter utilitário das coisas.

. Vivemos e convivemos em um emaranhado de acontecimentos. E é justamente esse emaranhado de acontecimentos que dão o caráter de imprevisibilidade do mundo.

O mundo por seu caráter de pluralidade e de coexistência tem um mistério, um imprevisto que foge por nossas mãos e flui. Escapa por nossos dedos.

O que fazer diante de tanta fragilidade e incerteza? Cruzarmos os braços? Ficarmos inertes? Rendermo-nos ao imobilismo? Deixamos nosso poder de decisão na mão de outros?

Acredito que a resposta a essas indagações seja não.

Não podemos ficar inertes e nos deixar levar pelo imobilismo. Mas, acredito que podemos deixar o nosso legado e contarmos a nossa história para os que aqui chegarão e com isso ampliarmos o caminho para um mundo menos excludente. Podemos contar nossas histórias - mesmo com as dificuldades que por vezes nos são postas – e deixarmos um legado para as novas gerações com muito mais esperança, respeito e amor ao mundo. A questão que está posta é: Qual a história que queremos deixar?

Cabe assim a cada um de nós, contar a sua história. Qual a história que estamos deixando às novas gerações?

A esse processo de questionamento, que para a autora não diz respeito à ciência e nem à tecnologia, a essa capacidade de refletir sobre o mundo, se colocando como alguém que tem responsabilidade por ele, Hannah Arendt chama de pensamento.

2.1.1. Busca pelo sentido, não por verdades. Um caminho entre o conhecer e o pensar a partir de Hannah Arendt.

O pensamento, dentro desse contexto, tem relação com o sentido. Entenderemos o pensamento como busca pelo sentido. Dessa forma o pensar tem relação com a nossa

capacidade de tentar compreender aquilo que ficou encoberto, de modo que possa fazer um sentido para nossa vida.

Assim, precisamos nos afastar diante do que está posto, nos ausentarmos de forma temporária e nos colocarmos em um diálogo conosco, procurando compreender as nossas inquietudes.

Diz-nos Arendt:

> A necessidade do pensar só pode ser satisfeita pelo pensar, e os pensamentos que tive ontem somente satisfarão essa necessidade hoje à medida que eu possa pensá-los novamente. (ARENDT, 1993, p.230).

Hannah Arendt vai nos dizer que *pensar é abandonar o mundo,* entendendo o abandonar o mundo como um momento temporário de distanciamento. E nunca um momento de omissão diante dos acontecimentos do mundo. O ser pensante não se omite diante do mundo. Ao contrário, ele se utiliza dessa capacidade de pensar para agir sobre o mundo e fortalecer seu laço de pertencimento em um mundo comum, em um movimento de distanciamento e reaproximação. É distanciar-se para ver com outros olhos. O pensamento desarruma nossas verdades e como um vento forte, nos leva para caminhos de incertezas, inseguranças, desafios. Ele descortina a insuficiência das verdades preestabelecidas e como uma brisa leve nos reaproxima do mundo, com um olhar renovado e ressignificado.

O que nos faz pensar? Platão vai nos dizer que: Trata-se do espanto admirativo diante do espetáculo em meio a que o homem nasceu - é o espanto, o thauma diante do mundo que faz o homem pensar.

Na busca pela resposta, Arendt vai nos dizer que poucos foram os pensadores que nos disseram o que os fez pensar e menor ainda os que se deram o trabalho de descrever e examinar a sua experiência de pensar. Arendt encontra na figura de Sócrates, o modelo de pensador que contribui na busca pela pergunta inicial – O que nos faz pensar? -.

> O melhor, e na verdade o único modo que me ocorre para dar conta da pergunta, é procurar um modelo, um exemplo de pensador não profissional que unifique em sua pessoa duas paixões aparentemente contraditórias, a de pensar e a de agir. [...]. Melhor talhado para esse

> papel deve ser um homem que não se inclua nem entre os muitos nem entre os poucos, que não tenha nenhuma pretensão de ser um governante de homens, nem mesmo a de estar mais bem preparado para aconselhar, pela sua sabedoria superior, os que estão no poder
> [...] em resumo, um pensador que tenha permanecido sempre um homem entre homens, que nunca tenha evitado a praça pública, que tenha sido um cidadão entre cidadãos [...]. Vocês já terão percebido que estou pensando em Sócrates. (ARENDT, 2017, p.189).

Assim, Hannah Arendt, pensadora alemã século XX que viveu os principais acontecimentos de seu tempo, vai ver em Sócrates - pensador do século IV A.C - o modelo de um pensador que exprime a importância do pensamento e o perigo que a ausência do pensamento pode acarretar para o mundo comum.

Sócrates, não deixou nada escrito, ou uma doutrina a ser seguida, mas, enquanto homem exerceu sua função de pensador. Aos que por ventura venham a criticar a escolha de Sócrates feita pela Hannah Arendt, vale a pensa explicitar que o nosso entendimento da questão é independente de fatos históricos. O que nos parece é que Hannah Arendt viu em Sócrates um exemplo de filósofo que soube exercitar a atividade de pensamento sem com isso abandonar a sua condição humana, com todas as incertezas que são peculiares ao exercício do pensamento.

Sócrates, nunca afirmou que possuía respostas às suas perguntas e, ao mesmo tempo, jamais abriu mão do pensamento para salvar-se. O que ele propôs foi um caminho aberto para o exercício do pensar com todas as suas possibilidades, indagando aos seus interlocutores para ajudá-los a darem a luz (maiêutica) à sua *doxa* (opinião), tornando assim o pensamento um elemento relevante a manutenção do que é comum aos homens - o bem comum.

Em seu julgamento, Sócrates diz aos juízes que não fizera nada de errado, apenas filosofava, e que não estaria prejudicando ninguém com seus ensinamentos. Sócrates diz publicamente que não usará de um discurso enfeitado, com palavras lindas como as dos oradores, mas fará uso de palavras que para ele traduzem a verdade.

Contrariamente ao pleno do julgamento, Sócrates diz que usará as primeiras palavras que lhe vierem. Usará palavras de improviso e não fará uma defesa com a intenção de convencê-los, pois falará apenas a verdade no modo como ela a ele se revelar no transcurso de sua defesa: uma verdade que não se restringirá a um discurso

formal, empolado e impostado, mas advirá de palavras simples, sem grandes ordenações, oriundas apenas do que é justo.

> Contudo, por Zeus, não ouvireis, por certo, cidadãos atenienses, discursos enfeitados de locuções e de palavras, ou adornados como os deles, mas coisas ditas 4 simplesmente com as palavras que me vierem à boca, pois estou certo de que é justo o que eu digo, e nenhum de vós espera outra coisa. Em verdade, nem conviria que eu, nesta minha idade, me apresentasse diante de vós, ó cidadãos, como um jovenzinho que estuda os seus discursos. E, todavia, cidadãos atenienses, isto vos peço: se sentirdes que me defendo com os mesmos raciocínios com os quais costumo falar nas feiras, ou nos lugares onde muitos de vós me tendes ouvido, não vos espanteis por isso, nem provoqueis clamor, porquanto, é esta a primeira vez que me apresento diante de um tribunal, e com mais de setenta anos de idade! Por isso, sou quase estranho ao modo de falar daqui. (PLATÃO, 1960, p.17).

Assim, nos parece que Sócrates está alertando aos juízes que ao contrário dos seus acusadores, ele apesar de utilizar de uma linguagem simples, estará traçando seu caminho a partir da verdade, enquanto seus acusadores terão sua fala fundamentada em argumentos pomposos e sem a preocupação com a verdade.

O que temos com a morte de Sócrates não é a morte de um filósofo. O que nos é apresentado é a morte de um tipo de discurso. Sócrates não utilizou da retórica ou da persuasão para escapar da morte.

Segundo Hannah Arendt, a pólis entrou em conflito com Sócrates justamente por ele ter feito "novas reivindicações para a filosofia", colocando-se na posição de quem não pretende ser um sábio. Segundo a autora, a pólis não conseguiu entender que ao contrário do que pensavam, Sócrates não se dizia um sábio, detentor de todo o saber

Diz-nos Arendt:

> A tragédia da morte de Sócrates repousa em um mal-entendido: o que a *polis* não compreendeu foi que Sócrates não se dizia um *sophos*, um sábio. Por duvidar de que a sabedoria fosse coisa para os mortais, enxergou a ironia do oráculo de Delfos, que dizia que ele era o mais sábio de todos os homens: o homem que sabe que os homens não podem ser sábios é o mais sábio de todos. A *pólis* não acreditou em Sócrates, exigindo que admitisse ser, como todos os *sophoi*, um inútil do ponto de vista político. Mas, como filósofo, ele realmente nada tinha a ensinar a seus concidadãos. (ARENDT, 2002, p.94).

Na pólis democrática era comum o entendimento que os *sophos* (sábios) só estavam ativos espiritualmente, empenhados exclusivamente no trato de questões exteriores ao cotidiano dos assuntos humanos, tendo em vista que estariam envolvidos com a contemplação das verdades eternas. Sócrates ultrapassa os limites da pólis. E discutir sobre o mundo implica em uma pluralidade de discurso humano, em estar com o seu semelhante, instaurando assim um caráter de pluralidade ao mundo, que se torna comum aos que se colocam na posição de pensar sobre ele.

Nesse sentido, pensar para os atenienses era considerado perigoso, pois diante da pluralidade de discursos humanos, instaura-se um grau de incertezas tendo em vista que rompe com as verdades estabelecidas causando um grau de instabilidade aos cidadãos de Atenas

Sócrates no momento em que ao transitar não na ágora, mas no mercado público, conversando e indagando os próprios sábios, levando-os a refletirem sobre fatos humanos e terrenos os leva à insegurança. E é justamente esta insegurança, este ato de imprevisibilidade que nos aguça o pensar. Pensamos quando saímos do conforto entre o que está estabelecido e o que está por vir. O pensamento nos envolve nesta busca infinita pelo sentido e pela resposta às nossas inquietações, o conhecimento busca a verdade e tem enquanto fruto a cognição.

Pensar nesse sentido arendtiano nos aponta para a capacidade de ir para além do conhecer e isto é de suma importância para a educação. É preciso manter o diálogo interno que possibilita aos homens deslocarem-se de si e olharem para a realidade que os cerca, buscando sentido para o seu agir. Não basta conhecer os nossos direitos e deveres. Por exemplo, conhecer o manifesto ambiental e ao final da passeata termos os cartazes jogados na via pública. Nesta perspectiva, o homem se coloca na posição daquele que busca permanecer na esfera do intelecto, do conhecer descolado da realidade, não conferindo significado ao agir. Nesta nossa configuração, a ação torna-se de suma importância. Para Hannah Arendt, está na ação a atividade mais libertadora. Pois ela tem a capacidade de colocar as coisas em movimento, capacidade de externar nossos pensamentos, ela ganha a vida quando vai para o espaço da visibilidade publica, quando coloca para o outro o que eu acredito. Estarmos com os outro nesse espaço de visibilidade. Viver é estar entre os outros e pensar significa que temos de tomar decisões, assim o pensamento acompanha a vida. Hannah Arendt *em A vida do espírito,*

no caminho de compreender o que é pensar? Vai nos dizer que: “Na prática, pensar significa que temos de tomar decisões cada vez que somos confrontados com alguma dificuldade.”

E adverte:

> Uma vez que a vida é um processo, sua quintessência só pode residir no processo real do pensamento [...]. Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. (ARENDT, 2017, p. 214).

E conclui: “Homens que não pensam são como sonâmbulos”. Esses homens que não pensam se deixam levar pelas multidões e pelo que os outros fazem. Deixam-se levar pelas circunstâncias, tornando-se massa manipulável, fácil de ser moldada e colocada à mercê do sistema de uma sociedade de massa, que os envolve e pensa por eles. Assim, esses homens que não pensam, tornam-se peça na engrenagem deste sistema, abrindo mão do comprometimento e da responsabilidade com o mundo, da capacidade de começar algo novo, deixando assim de agir e interagir com os outros indivíduos do mundo, perdendo, enfim, a capacidade de aparecer para um mundo aberto às transformações.

2.1.2 A natalidade e o mundo comum

Segundo Hannah Arendt, o mundo é produto do artificialismo humano, o local onde apenas os homens coexistem.

Nesse sentido, o mundo não pode ser tratado como um agregado de coisas ou objetos. Pelo contrário, ele nos revela uma dimensão transcendental que encerra um significado existencial. Ela afirma claramente: *A condição humana da obra é a mundanidade.*

Percebemos assim que, se um lado a condição da obra é a mundanidade, de outro lado, podemos perceber que é pela atividade do *Homo Faber* que o Mundo se torna possível. O Mundo, assim, é fruto do artifício humano.

Nessa perspectiva, o homem empenha-se em criar um mundo de objetos que sobrevivem ao Ser Humano, fornecendo a ele um caráter de imortalidade.

Ele assim revela-se imortal, sobrevive a gerações. Essa durabilidade do mundo permite a Hannah Arendt o entendimento de que o homem é um ser mundano. Como diria Heidegger: *um ser no mundo.* O Mundo, assim, para a autora, é constituído de algo que os homens têm em comum. Ele transcende o entendimento do mundo em seu sentido físico. Falamos assim do mundo enquanto conjunto da obra humana. Hannah Arendt caracteriza o Mundo Comum como o espaço público "na medida em que é comum a todos nós". E é justamente nesse espaço comum que a ação humana se faz presente.

Como já dito anteriormente, o trabalho e a obra correspondem à atividade humana privada, visto que eles constroem em isolamento consigo mesmo as condições privadas da natalidade e definem que cada novo nascimento é único. E, enquanto ele é único, é também um novo começo. Mas é na condição humana da ação, na relação entre homens, na esfera política, que se pode definir plenamente o conceito de natalidade. Portanto, o nascimento permitirá o acontecimento de algo novo. Isso, segundo Arendt, só ocorre no domínio público. Dessa forma, a ação é a atividade humana que mais se aproxima da natalidade, dentro da concepção de Hannah Arendt. Ela mesma nos diz que "o novo começo inerente ao nascimento, ao poder fazer-se sentir no mundo, somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, agir

Mas de qual natalidade Hannah Arendt está se referindo?

O conceito de natalidade, segundo Arendt, pode ser definido como a capacidade do homem em instaurar algo inédito no mundo, isto é intrínseco à condição humana da ação. É com o nascimento que o recém-chegado aparece no cenário público.

Tal conceito não possui um enfoque de ordem biológica, na qual a natalidade consistiria no ato da criança ser concebida, através do parto, para o mundo. Ou seja, na sua concepção a natalidade não é meramente algo natural. Dessa forma, sua abordagem é para além da esfera biológica, ela se refere ao mundo dos assuntos relacionados dos homens, ou melhor, entre homens dentro da esfera política. Portanto, a natalidade para Arendt é na verdade um segundo nascimento, pois assim como o biológico – nascer significa a chegada do recém-nascido enquanto ser único na Terra –, a natalidade da condição humana é a capacidade que o homem possui de aparecer na esfera pública através da ação, podendo criar algo inovador que pode mudar o curso de toda a vida humana**.**

Vale ressaltar que é nesse grande palco comum, como sinaliza a autora, que se

faz presente toda uma riqueza de conhecimentos, instituições, significados, virtudes, linguagens e histórias de toda uma comunidade, onde os homens podem, a partir de sua singularidade, interagir e constituir-se enquanto ser humano. É nesse mundo comum que se revela toda a sua pluralidade. Enfim, além de sermos sabedores de que o Mundo é fruto do artificialismo humano, ou seja, que são os homens a partir de seus artefatos que criam esse mundo que nos cerca, sabemos também que ele (o Mundo) só se estabelece enquanto lar quando constituído de um espaço de sujeitos, um espaço que vai além do habitat natural, um espaço de interação entre Homens. Nessa perspectiva, a existência de um mundo comum é tido como condição de formação dos jovens e crianças capazes de conviver com a pluralidade.

Mas, foquemos agora o pressuposto de que a "*essência da educação é a natalidade"* (ARENDT, 2014 p.223*)*, como afirma a autora em "A crise na educação".

O conceito de natalidade defendido por Hannah Arendt, como já sinalizado, não é caracterizado por uma ação biológica. Não é o ato de parir uma criança. Pelo contrário, suas reflexões possuem todo um encadeamento para uma ação política. É um renovo, ou seja, um segundo nascimento. É o nascimento da criança nesse mundo comum que é novo para ela, que já está com a marca de toda uma comunidade anterior a ela. Trata-se de prepará-la para a possibilidade desse novo nascimento.

Nesse encaminhamento, podemos perceber que é por meio do nascimento que se torna latente a nossa característica de seres inacabados, pois a cada momento da História nos apresentamos como novos em um mundo de recém-chegados.

E são essas marcas, ou seja, vivências, símbolos, histórias locais, que nos unem enquanto seres humanos e impregnam de sentido o ato educativo, onde, segundo a autora "o sentido do ato educativo é a iniciação dos recém-chegados ao mundo". Caso não fosse realmente um recém-chegado, como a filósofa afirma, o ser humano seria "uma criatura viva ainda não concluída e a educação seria apenas uma função da vida" (ARENDT, 2014, p. 235).

A educação, a partir de um contexto de função da vida, teria sua preocupação apenas para com a sobrevivência e preservação da vida, sendo o seu enlace no treinamento e subsistência, onde o ser humano não seria visto como alguém que ainda está em processo. Segundo Hannah Arendt, "a relação humana com o mundo, mediada pela educação, é uma relação privilegiada no sentido de que nunca está dada de

antemão, mas tem de ser tecida novamente a cada novo nascimento" (ARENDT, 2014, p.235). Assim, porque o mundo está sempre em movimento e em uma situação de instabilidade advinda pela ação dos recém-chegados, assumir responsabilidade pelo mundo significa contribuir para que o legado humano não seja continuamente transformado ou destruído ao sabor de circunstâncias ou de interesses próprios de poucos.

De acordo com isso, segundo Arendt: "Quem educa não assume a responsabilidade apenas pelo desenvolvimento da criança, mas também pela própria continuidade do mundo" (ARENDT, 2014, p.235).

Nesse sentido, responsabilidade pelo mundo, que é comum a todos, significa responsabilidade por sua continuação e conservação, cabendo à educação, portanto, apresentar ao jovem o conjunto de estruturas que constituem o mundo que é comum, abrindo assim a possibilidade dele, quando adulto, se assim lhe couber, transformar esse mundo que já lhe é conhecido em toda a sua complexidade.

Educar é formar para o cultivo e para o cuidado futuro com o mundo que, para ser transformado, também precisa se conservar, o que está diretamente ligado ao ato de cuidar com responsabilidade para avançar.

Quando eu conservo, eu tenho a chance de renovo. Eu contribuo com a continuidade. Em *A crise na educação,* ensaio em que Hannah Arendt se dedica a refletir sobre as questões da educação, podemos, a partir de sua leitura, ter o entendimento de que, quando o passado não mantém mais continuidade com o presente, o mundo perde sua profundidade e sua estabilidade e a educação perde a capacidade de realizar a mediação com o mundo e a transmissão de algo durável.

Assim, podemos concluir que conservar, sob a ótica de Hannah Arendt, difere do conservadorismo, ao modo como, por exemplo, o compreendemos hoje, como algo atrasado e que impede o advento de novas forças transformadoras.

Ela diz:

> Parece-me que o conservadorismo, no sentido de conservação, faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo.
> (ARENDT, 2011, p. 242).

Sobre essa afirmação de Arendt, percebemos que esse seu "conservadorismo", tão peculiar às atividades educacionais, não nos leva a um esvaziamento do pertencimento ao mundo comum, visto que o passado mantém uma continuidade ao presente, uma vez que os jovens e crianças herdam as posses de um passado para um futuro, herdam um passado em continuidade com o presente.

Para Hannah Arendt, a tarefa dos envolvidos com a esfera educacional está estritamente relacionada com a durabilidade de um mundo, ou seja, com a tradição e a autoridade, com a capacidade dos homens de preservar e cuidar do mundo que necessita ser resguardado para as futuras gerações em uma linha tênue entre conservar e renovar essa herança que, segundo Hannah Arendt, é pública.

Assim, cabe à educação proteger o desenvolvimento da criança contra as pressões do mundo, ao mesmo tempo em que a prepara para conservar e transformar o próprio mundo futuramente. Nesse sentido, podemos considerar que a autoridade para o educador difere do autoritarismo e da postura autoritária. Para que possamos compreender a relação existente entre autoridade e autoritarismo, a partir do ensaio *A crise na educação*, deve-se ter em mente ainda o conceito filosófico de autoridade tal como os romanos a concebiam.

> Para eles, "autoridade, em latim, *auctoritas*, significava a obrigatoriedade que cada nova geração tinha diante de si e do mundo em dar continuidade ao que os antepassados iniciaram. No caso de Roma, os antepassados haviam iniciado a república, cabendo, a cada geração, dar continuidade a esta fundação. (CALLEGARO, 2012, p. 265).

Garantir a perpetuação do espaço público no hoje da história, assim como fizeram os povos gregos e romanos, é dever de cada nova geração que dele se utiliza, perpetuação esta que deve estar sob a responsabilidade dos adultos de cada geração.

A partir das reflexões de Arendt, a educação deve justamente preparar cada nova geração, ainda em sua infância, para assumir a responsabilidade que seus pais, avós e bisavós tiveram de assumir antes dela.

No entanto, o problema está no fato de que o homem moderno, ao se alienar e destruir o sentido grego da esfera pública retirou a responsabilidade das gerações que deveriam cuidar do espaço reservado à ação e ao discurso. Elas simplesmente se

eximem de tal empreitada. E é exatamente nesse contexto, frente à crise do espaço público e, por consequência, da autoridade, que os educadores não querem mais exercer o seu papel de instruir o jovem e a criança acerca do mundo, assim como trabalhar a responsabilidade que a ação humana e as palavras assumem nele.

Em resposta a esse adulto sem autoridade, a educação, na visão de Hannah Arendt, teria fragmentado nocivamente o mundo da criança afastando-a do mundo do adulto. A criança, na educação pragmática, aprende o mundo em partes segmentadas, de forma utilitarista e funcionalista, sem comprometimento com a vida adulta.

Nessa situação, ao invés de aproximar gradativamente a criança do adulto e fazê-la perceber que um dia ela também vai crescer e ter que assumir a responsabilidade que lhe é inerente não só na vida privada, mas também na vida pública, ela fica isolada deste processo de preparação para a fase adulta, faltando-lhe, desta maneira, o modelo necessário do que é ser um adulto responsável com o mundo público e com o bem comum.

2.2 . Autoridade, Tradição e Educação

A autoridade desapareceu, diz-nos Hannah Arendt em seu texto "*Que é autoridade?"*.

Tomar esta constatação arendtiana como tema de nossa reflexão, é tomá-la enquanto fio condutor para se problematizar a crise na educação no mundo moderno. O que é autoridade? Que relações foram estabelecidas com a perda da autoridade e que refletiram na crise na educação? Qual o conceito de autoridade? E como podemos fazer para lidar com a sua perda?

Diz-nos Abbagnano acerca do significado de autoridade:

> **AUTORIDADE**: Qualquer poder exercido por outro homem ou grupo. Esse termo é generalíssimo e não se refere somente ao poder político. [...]. Em geral, é, portanto qualquer poder de controle das opiniões e dos comportamentos individuais ou coletivos, a quem quer que pertença esse poder. (ABBAGNANO, 2007, p.98).

Reconhecendo o conceito generalíssimo de autoridade, Hannah Arendt afirma

que o conceito por vezes nos é apresentada de forma confusa e passível de controvérsia, e que, para evitar mal entendido, teria sido muito mais prudente indagar: *O que foi* – e não *o que é* – autoridade?, uma vez que não seja possível no mundo moderno determinar o seu significado, tendo em vista que ele se perdeu em sua origem.

Diz-nos Arendt:

> Uma vez que não mais podemos recorrer a experiências autênticas e incontestes comuns a todos, o próprio termo tornou-se enevoado por controvérsia e confusão. Pouca coisa acerca de sua natureza parece auto-evidente ou mesmo compreensível a todos, exceto o fato de que [...] a maioria das pessoas concordar em que uma crise constante da autoridade, sempre crescente e cada vez mais profunda, acompanhou o desenvolvimento do mundo moderno em nosso século.
> (ARENDT, 2011, p. 127.).

Vemos que a dificuldade da filósofa em estabelecer um conceito para autoridade se dá pelo fato de não perceber em seu mundo atual indícios que representem a ideia de autoridade.

A constatação realizada pela autora tem como ponto de partida a crise na autoridade no mundo moderno que resultou no advento dos regimes totalitários da Idade Moderna (Século XX). Este período triste da história, que teve em sua trajetória as experiências do nazismo, representa o testemunho de um período de dominação, carente de qualquer forma de lógica e que teve como base a organização burocrática de massas, com extrema dimensão de horror.

O termo “massa” aqui empregado refere-se ao tratamento dado aos indivíduos que não se integram ou se organizam em prol de um interesse comum, faltando-lhes a percepção de pertencimento a um mundo que é comum e que precisa do cuidado de mãos humanas para que possa ser preservado. Esse indivíduo massificado pela falta de pertencimento ao mundo comum deixa-se levar pelas circunstâncias e pela falta de consciência de suas potencialidades e pela sua capacidade de contribuir com um mundo mais justo, menos excludente e dotado de todo o respeito ao Ser Humano. Essa ausência de consciência e, por conseqüência, a invisibilidade de um mundo que é plural e comum a todos, rompe com a capacidade humana de “construir junto” e faz emergir o indivíduo atomizado e despreocupado com as questões políticas e com a sua responsabilidade pelo mundo.

É este indivíduo massificado que vai fomentar a possibilidade de governos totalitários, que, para garantir a dominação total, utilizam de mecanismos como a propaganda ideológica oficial e o terror para a continuidade de sua dominação.

Segundo Arendt:

> Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, adquiriram o apetite para organização política. As massas não se mantêm juntas pela consciência de um interesse comum e falta-lhe aquela específica articulação de classes que se expressa em metas determinadas, limitadas e atingíveis. O termo massa se aplica apenas onde lidamos com pessoas que, ou simplesmente por causa de seu número, ou indiferença, ou da combinação de ambos, não podem ser integradas em qualquer organização baseada no interesse comum, como partidos políticos, governos municipais, organizações profissionais ou sindicatos.Potencialmente, as massas existem em qualquer país e formam a maioria daquele grande número de pessoas neutras e politicamente indiferentes que nunca se filiam a um partido e raramente votam. (ARENDT, 1989, p.361).

Arendt ainda reitera que os líderes de massa como Hitler e Stalin não provinham das massas. Segundo a autora, eles provinham do que ela chamou de *ralé.* A ralé segundo a Arendt é "fundamentalmente um grupo qual são representados resíduos de todas as classes" e "é isto que torna tão fácil confundir a ralé com o povo, o qual também compreende todas as classes." (ARENDT, 1996, p.107).

Qual então seria a diferença?

A diferença seria que enquanto nas grandes revoluções o povo luta por um sistema que o representa, a ralé vai sempre buscar pelo "homem forte", pelo "grande líder".

Arendt reconhecendo o poder da ralé na liderança do movimento de massas e fazendo referência ao regime totalitário de Adolf Hitler, chama a atenção para o fato de que, tendo em vista que o antigo partido de Hitler tinha em sua composição um percentual considerável de desajustados, fracassados, boêmios armados e aventureiros – *ralé* - , é preciso indagar como é possível alguém como Himmler – idealizador do Holocausto - que era um dos homens mais influentes do partido de Hitler, com toda a aparência de respeitabilidade, converteu-se em um dos maiores criminosos do século e responsável pela morte de milhões de pessoas?

Na fala de Arendt:

> [...] um "burguês, com toda a aparência de responsabilidade, todos os hábitos de um bom páter-família, que não trai a esposa e procura ansiosamente garantir um futuro decente para seus filhos; e ele construiu conscientemente sua novíssima organização do terror, abrangendo todo o país, com base na hipótese de que a maioria das pessoas não é constituída nem de boêmios nem de fanáticos, nem de aventureiros, nem de maníacos, nem de sádicos, mas antes de tudo de empregados e bons pais de família. (ARENDT, 2008, p.157).

E foi justamente este pai de família que se transformou no chefe da SS – tropa de proteção paramilitar – e o grande idealizador do genocídio nazista

Segundo Correia o governo nazista forma uma organização burocrática cuidadosamente estruturada para absorver a solicitude do pai de família na realização de tarefas quaisquer que lhe fossem atribuídas. Este mesmo pai de família ao despertar admiração e ternura enquanto figura familiar tornou-se nas palavras de Correia *um aventureiro no caos econômico do período entre as guerras.*

Para Arendt:

> A docilidade dessa figura já havia se manifestado no período inicial da "coordenação" (*Gleichschaltung*) nazista. Ficou evidente que esse tipo de homem, para defender sua aposentadoria, o seguro de vida, a segurança da esposa e dos filhos, se disporia a sacrificar suas crenças, sua honra e sua dignidade humana [...]. A única condição que ele apresentava era ficar totalmente isento da responsabilidade por seus atos. (ARENDT, 2008, p.157).

Esse pai de família conseguiu organizar um sistema burocrático, onde homens que nunca haviam pensado em matar um judeu passaram a fazer parte dessa máquina de assassinato administrativo cruel e sem precedente. Esse burocrata e todos que estavam neste mesmo movimento, estavam tolhidos de sua espontaneidade individual e de sua existência individual e coletiva, como afirma Correia. É justamente este aspecto asqueroso que coloca o indivíduo nesta posição de uma peça nesta engrenagem de matar que nos assusta e mais do que isso nos alerta para o fato de que algo tão grotesco não se baseia exclusivamente na figura de assassinos natos ou fanáticos, baseia-se na normalidade de pais de família ou de pessoas ditas normais, que acreditam estar

simplesmente cumprindo ordens ou protegendo seus pares.

Segundo Arendt, Himmler morreu antes de saber que era também o grande criminoso do século.

Outro fato que elucida o caráter de normalidade dado a esta parte triste da história da civilização moderna, refere-se ao registro de Raymond A. Davies, correspondente da Agência Telegráfica Judaica e locutor da Empresa de Radiofusão do Canadá, que apresentou o primeiro depoimento de uma testemunha ocular no campo de morte de Maidanek.

Depoimento da testemunha:

Pergunta: Vocês matavam gente no campo? Resposta: Sim.
Pergunta: Vocês usavam gás para envenená-las? Resposta: Sim.
Pergunta: Vocês as enterravam vivas? Resposta: Aconteceu algumas vezes.
Pergunta: As vítimas vinham de toda a Europa? Resposta: Acho que sim.
Pergunta: Você pessoalmente ajudou a matar alguém? Resposta: De jeito nenhum. Eu era só o funcionário que fazia os pagamentos no campo.
Pergunta: O que você achava sobre o que estava acontecendo? Resposta: No começo foi ruim, mas depois a gente se acostumou.
Pergunta: Você sabe que os russos vão enforcá-lo? Resposta: (explodindo em lágrimas) Por que fariam isso? O que eu fiz? (ARENDT, 2008, p.156).

É este individuo aqui representado na figura de Himmler e da testemunha ocular no campo de morte de Maidanek que Hannah Arendt vai chamar de burguês ou homem de massa moderno. Este *burguês* na segurança de seu domínio privado, não consegue mais encontrar em sua própria pessoa a ligação entre o público e o privado, ou seja, entre profissão e família. A sua preocupação não está em matar seres humanos. A sua preocupação está em cumprir sua missão com eficiência. Arendt vai dizer que "quando a sua profissão o obriga a assassinar pessoas, ele não se considera assassino, pois não fez isso por inclinação pessoal." (ARENDT, 2008, p.159).

Fazer a relação entre esses dois personagens nos direciona para o fato de que

devemos estar atentos aos sinais de alerta que tornam possível na sociedade atual a presença dos regimes totalitários e do seu produto - o Holocausto, um produto, fruto da modernidade e que teve a sua base na burocracia, na obediência, na indiferença e no terror presente no genocídio sistemático. Algo nunca antes visto.

No pensamento de Arendt, o totalitarismo é um fenômeno inédito que não pode ser assimilado a nenhuma outra forma de governo tendo em vista que o líder totalitário, na figura de um líder supremo, toma decisões políticas e econômicas sem dar margem a dúvidas ou possibilidade de oposição, exercendo assim todo o seu autoritarismo em todos os níveis e aspectos da sociedade, utilizando enquanto principal instrumento de dominação o terror. Outra característica do regime totalitário é a existência de apenas um partido político, não abrindo espaço para qualquer tipo de oposição. Outro aspecto do Totalitarismo é a existência de uma ideologia oficial do regime. Na Alemanha de Hitler a ideologia claramente oficializada pelo governo nazista era uma ideologia racista que propunha superar as divisões de classe e assim criar uma sociedade homogênea a partir da superioridade da raça ariana.

Esta forma de governo se alimenta do extermínio de humanos *indesejados*. Arendt em *Origens do Totalitarismo* sinaliza que nenhum outro regime político tornou-se tão integralmente totalitário e cruel em seu domínio quanto o nazismo e o comunismo, na figura de Hitler, com o seu "raciocínio frio como gelo "e Stalin, com a "impiedade da sua dialética". (ARENDT, 1990, p.524.) Ambos se acharam no dever de exterminar os que em sua ideologia impediam o aparecimento de uma sociedade perfeita.

Arendt ao tentar compreender o que ocorreu nos campos de concentração, percebe toda a crueldade e toda ameaça à humanidade, pois segundo a autora o totalitarismo foi o maior ato de ruptura entre o humano e a política, justamente por inverter o papel que a política deveria exercer, reservando a humanidade a anulação e destruição da liberdade. Essas experiências totalitárias resultaram, segundo a autora, na constatação de uma profunda crise na autoridade.

Após esse excurso sobre o totalitarismo, que de resto é o grande perigo a evitar através de uma educação para a pluralidade, devemos voltar à pergunta sobre que relações foram estabelecidas com a crise da autoridade na Modernidade e que refletiram na crise na educação? Como educar em meio à crise?

A crise na autoridade e, conseqüentemente, a crise na educação, afirma Arendt, está historicamente relacionada com a perda da tradição. O termo Tradição aqui empregado, vem do latim *traditio,* que significa entre outras coisas, entregar, passar para frente, relatar, confiar. Tradição nesse sentido é algo que é entregue por uma pessoa à outra, por uma geração a outra.

Arendt se refere à tradição como a um testamento, no qual os antecessores decidem o que e como entregar seu legado àqueles que vêm depois. Esse legado recebido, não se compõe apenas de objetos, mas também de conhecimentos e saberes. A Tradição nesse sentido depende de seus portadores, pois são eles que darão sentido, darão vida e ressignificação ao legado recebido. São eles que nessa tensão entre preservar e conservar o que lhe foi recebido, se apropriam de uma forma única dessa experiência recebida e a transforma.

O que seria então a perda da tradição?

A perda da tradição não é a mesma coisa que a perda do passado. Na verdade, "com a perda da tradição, perdemos o fio que nos guiou com segurança, através dos vastos domínios do passado" (ARENDT, 2011, p. 130).

Na fala da filósofa Hannah Arendt:

> Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição – que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem. (ARENDT, 2014, p. 31).

A perda da tradição, nesse sentido, coloca o passado em perigo na medida em que ameaça esquecer esse passado e, esquecendo o passado, perde-se a profundidade da existência humana. Da mesma forma é a autoridade: assenta-se em alicerces do passado e dá ao mundo permanência e durabilidade:

> Sua perda é equivalente à perda do fundamento do mundo que, com efeito, começou desde então a mudar, a se modificar e transformar com rapidez sempre crescente de uma forma para outra, como se estivéssemos vivendo e lutando com um universo protéico, onde todas as coisas, a qualquer momento, podem se tornar praticamente

> qualquer outra coisa. Mas a perda da permanência e da segurança do mundo – que politicamente é idêntica à perda da autoridade-não acarreta, pelo menos não necessariamente, na perda da capacidade humana de construir, preservar e cuidar de um mundo que nos pode sobreviver e permanecer um lugar adequado à vida para os que vêm após. (ARENDT, 2014, p.132).

Em outras palavras poderíamos dizer que a perda da segurança no mundo é idêntica a perda da autoridade na Modernidade, causando assim certa desconfiança em relação ao mundo e tudo que o cerca. Estamos como diz Arendt, em um espaço frutífero para acontecimentos assustadores como duas guerras mundiais, regimes totalitários como o nazismo de Hitler e o Comunismo de Stalin e a possibilidade da guerra total alimentada pela bomba atômica – potencial devastador da raça humana.

No entanto, apesar de toda a instabilidade e desconfiança neste Mundo, as crianças como diz Arendt, precisam conhecer e se apropriar do legado que lhe está sendo entregue. Conhecer e pensar o mundo são aspectos importantes para a educação. Nesse sentido, conhecer o mundo não significa simplesmente ter acesso a informações sobre ele. Para isso, não precisamos do professor ou da escola.

O papel do professor vai além. Ele é o grande mediador entre o mundo e os jovens. No entanto, seu papel de mediador exige dele uma responsabilidade dupla.

Enquanto professor ele é responsável pela educação de seus alunos, mas também faz parte de seu papel assumir a responsabilidade pelo mundo. É de sua responsabilidade não só apresentar o mundo ao jovem, mas também reapresentá-lo diante dos novos de modo que possam vir a amá-lo e um dia responsabilizar-se por ele. Para ser representante do mundo, o professor não precisa necessariamente consentir com tudo o que nele existe, porém não pode deixar de demonstrar apreço por ele. Precisa reconhecer esse mundo como seu e como o lugar que foi e é constitutivo para ele. Hannah Arendt, ao atribuir uma especial importância ao papel da autoridade na educação, manifesta sua crítica a uma conjuntura em que tanto as práticas como os discursos educacionais tendem a negar a importância da autoridade nessa apresentação do mundo.

Segundo a autora, um dos principais equívocos presentes na educação hoje, é *a pretensão de libertar as crianças da autoridade dos adultos*. O que acaba tendo como conseqüência isentar o adulto de decisões a respeito do processo educativo. Essa

postura, segundo a autora, está vinculada à recusa quase geral de assumir responsabilidade pelo mundo. Na fala de Arendt: “A autoridade foi recusada pelos adultos, e isso somente pode significar uma coisa: que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças”. (ARENDT, 2014, p. 240).

Capítulo 3 - Educação e Responsabilidade pelo Mundo: compreendendo a crise na educação a partir da análise de seus pressupostos.

De acordo com Hannah Arendt, o que temos de especificamente humano é a capacidade de constituir um mundo que ultrapasse os limites de simples sobrevivência entre nós. Em *A crise na educação*, Arendt, ao criticar o caráter destrutivo da educação moderna que se preocupou em dissipar as relações de desigualdade entre os adultos e as crianças, como se as mesmas carecessem de libertação do poderio adulto, sugere, em tom desafiador, aplicar à educação um conceito exclusivo de autoridade, distinto do conceito aplicado ao âmbito da vida pública.

Sob esse ponto de vista, a autora defende um conceito de autoridade vinculado à responsabilidade pelo curso das coisas no mundo, exigindo assim, por parte da Educação e mais especificamente dos professores, uma atitude frente ao passado que os torne um grande mediador entre o velho e o novo.

É da condição humana, vivendo nesta sociedade que está em constante mudança, dar-se a múltiplas transformações pelo fato de que estamos sempre recebendo novos integrantes pela via do nascimento. Ressaltamos ainda que a educação volta a aparecer como sendo "uma das atividades mais elementares e mais necessárias da sociedade humana a qual não permanece nunca tal como é, mas antes se renova sem cessar pelo nascimento" (ARENDT, 2014, p.246).

Assim, a Educação se revela como grande mediadora e responsável por apresentar esse mundo aos novos integrantes. Essa responsabilidade não se restringe ao ensinamento de novas tecnologias ou novos conceitos metodológicos.

> Não é possível educar sem ao mesmo tempo ensinar: uma educação sem ensino é vazia e degenera com grande facilidade. Mas podemos facilmente ensinar sem educar e podemos continuar a aprender até o fim dos nossos dias sem que, por essa razão, nos tornemos mais educados (ARENDT, 2014, p.246-247).

A autora complementa, todavia, salientando que esses detalhes devem ser deixados à atenção dos especialistas e pedagogos, cabendo a nós o entendimento acerca de nossa relação com a natalidade.

O fato é que todos chegamos ao mundo pelo nascimento e que este mundo está em constante renovação, dando assim um caráter de grande responsabilidade para a educação e a ação do professor.

A responsabilidade pela vida da criança e pela continuidade do mundo dos homens é confiada à educação, visto que quem educa é ao mesmo tempo representante da tradição e responsável pelo convite a sua inteligente renovação, não permitindo que a memória naufrague no esquecimento. Com a tradição é que a educação pode manter a possibilidade do novo.

> Pois exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora; ela deve preservar essa novidade e introduzi-la como algo novo em um mundo velho, que, por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte, obsoleto e rente à destruição. (ARENDT, 2014, p. 243).

Sem tradição, e estando entre o passado e o futuro, no momento presente:

> [...] parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e, portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem. (ARENDT, 2014, p. 31).

Segundo a autora, a responsabilidade da educação, é não abrir mão da tradição, muito menos da grande responsabilidade em apresentar esse mundo que se revela aos novos. É assumir-se enquanto responsável pelo mundo que aqui se apresenta.

O educador é um representante do mundo e também responsável por ele. Nesse sentido, Hannah Arendt entende que a aplicação do pragmatismo à educação consistiu em abandono dessa responsabilidade educacional. Ela desconfia do pressuposto pragmático de que todo aprendizado é uma forma especial de fazer, do jogar e do brincar, como se o conhecimento dependesse exclusivamente dessas habilidades, tornando assim a criança como única responsável pela geração do conhecimento, o que, segundo Arendt, reflete a perda da responsabilidade da educação pelo ato de educar e, por conseqüência, a perda da responsabilidade do adulto pelo mundo, visto que eles próprios já não se arrogam o papel de autoridade, recusando-se a conduzir as crianças até o mundo, ou seja, abandonando a infância da criança à própria sorte.

De acordo com a autora o fato importante é que, por causa de determinadas teorias, boas ou más, todas as regras do juízo humano normal foram postas de parte. Foram implantados os preceitos de uma pedagogia progressista que nega métodos e saberes tradicionais.

Arendt não propõe nenhum novo sistema de ensino ou um estudo detalhado dos conteúdos propostos por esses movimentos educacionais. Em *Crise na Educação*, a autora faz uma crítica aos pressupostos, chamados pela autora como básicos e familiares e que norteiam os movimentos educacionais modernos e que contribuem para a Crise na educação.

3.1. *Primeiro pressuposto*

Hannah Arendt acredita ser um absurdo outorgar às crianças responsabilidades que elas ainda não têm condições de assumir. Esse, segundo Hannah Arendt, é um dos pressupostos que norteiam a crise na educação: *A existência de um mundo da criança e de uma sociedade formada entre crianças, autônoma e que se deve, na medida do possível, permitir que elas governem (*ARENDT,2014, p.230).

Esse pressuposto coloca nos ombros da criança a grande responsabilidade pela educação e instaura uma barreira entre crianças e adultos. De um lado, temos o mundo dos adultos com seus valores e normas e, do outro, o grupo das crianças inaugurando seu próprio grupo. Ambos os grupos, na maioria das vezes, concorrem entre si.

Acerca da criança, diz-nos Arendt:

> Quanto à criança no grupo, sua situação, naturalmente, é bem pior que antes. A autoridade de um grupo, mesmo que esse seja um grupo de crianças, é sempre consideravelmente mais forte e tirânica do que a mais severa autoridade de um indivíduo isolado. (ARENDT, 2014, p. 230).

A criança nesse sentido, não se encontra liberta. Encontra-se entregue à própria sorte ou à sorte tirânica de outros grupos de crianças. A posição da criança mediante o seu grupo é bem mais complicada, pois ela se vê dentro de uma realidade cada vez mais

fechada, ela não enfrenta mais a autoridade de um indivíduo adulto e sim a autoridade de um grupo que a cerca e coage de todos os lados.

Autoridade aqui empregada vislumbra o conceito original que, direcionado à educação, poderíamos sintetizar como a capacidade dos adultos de assumirem responsabilidades diante das novas gerações.

O professor enquanto aquele que exerce seu poder de autoridade diante dos alunos é aquele que, possuidor de conhecimentos, encaminha aos alunos o seu legado também recebido pelos seus pares, contribuindo assim para que eles, apropriando-se desse legado, possam transformá-lo. Esse movimento de poder-autoridade em nenhum momento está envolto em coesão ou violência. O que está em jogo é a capacidade do professor de também assumir a sua responsabilidade pelo processo educativo e pelo mundo. Desta forma, o aluno, além de receber informações e saberes, também se insere na cultura, tendo acesso ao que já foi produzido pelas outras gerações e também com chances de se tornar autor, pois tem em suas mãos a possibilidade da mudança. Da mesma forma, a relação entre professor e aluno contribui para que esse professor possa ter agregado aos seus saberes o que foi construído com os seus alunos. Poder, segundo Arendt é *agir em concerto.*

Poder nesse sentido não pode ser confundido com violência.

Assim quando há falta do poder de autoridade de um adulto e nesta parte da dissertação estamos fazendo referência direta ao professor, esse espaço é preenchido pelas crianças. Crianças que ainda estão sendo apresentadas ao mundo e por si só ainda não estão prontas a governarem suas próprias vontades.

Arendt alerta que:

> Os adultos aí estão apenas para auxiliar esse governo. A autoridade que diz às crianças individualmente o que fazer e o que não fazer repousa no próprio grupo de crianças – e isso, entre outras conseqüências, gera uma situação em que o adulto se acha impotente ante a criança individual e sem contato com ela. Ele apenas pode dizer – lhe que faça aquilo que lhe agrada e depois evitar que o pior aconteça. (ARENDT, 2014, p.230).

Arendt crê que diante da força numérica e a essa pressão, a criança tende a se tornar conformista, delinquente ou ambos.

O conformista é o que concorda e pode até seguir a prática do grupo independente, se ela é benéfica ou maléfica, já o delinquente reage à opressão, extravasando sua necessidade de diferenciação perante a massa grupal, através de atos extravagantes e até criminosos. A delinqüência contribui para a ocorrência de atentados em massa, entre outros absurdos da juventude moderna.

3.2. O *segundo pressuposto*

O segundo pressuposto que veio à tona na presente crise - apontado por Hannah Arendt - refere-se ao ensino. A autora critica a pedagogia moderna, que sob a influência do Pragmatismo insere o professor em um contexto daquele que ensina qualquer coisa, onde ele substitui o domínio de uma área e seu valioso caráter de especialização por um pseudoconhecimento vasto que, na verdade, é um conhecimento superficial.

Assim o professor segundo Arendt:

> [...] é um homem que pode simplesmente ensinar qualquer coisa, sua formação é no ensino, e não no domínio de qualquer assunto particular. Essa atitude, como logo veremos, está naturalmente, intimamente ligada a um pressuposto básico acerca aprendizagem. (ARENDT, 2014, p. 231).

O que daqui decorre, segundo Arendt, é que o professor, não tendo a necessidade de conhecer a sua própria disciplina, freqüentemente passa, a saber, por vezes, menos do que seus alunos. Esse segundo Arendt é um dos grandes problemas da educação: a questão relativa à formação do professor. Assim os alunos são abandonados aos seus próprios meios e ao professor é retirada a sua autoridade.

Arendt sublinha que o professor não pode ser visto como um mero aplicador de técnicas de estudo, sem ter o domínio de sua área de atuação, como se qualquer um pudesse desenvolver tão importante função. Acreditamos que Arendt ao defender uma formação de qualidade para o professor não está referindo-se apenas à aquisição de conteúdos específicos da área de atuação. Esse ponto é relevante tendo em vista que a autora salienta acerca da importância do professor ter o domínio de sua área específica. Acreditamos, porém, que a qualificação do professor defendida pela autora também se

estende para o fato da responsabilidade que o professor assume em apresentar o mundo para a criança.

Na fala de Arendt:

> A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerta deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança – Isso é o nosso mundo. (ARENDT, 2014, p.239).

3.3. O *terceiro pressuposto*

O terceiro pressuposto está intimamente ligado aos demais e que segundo Arendt, encontrou expressão conceitual na temática do Pragmatismo. Refere-se ao pressuposto de que *só é possível conhecer e compreender aquilo que nós mesmos fazemos* (ARENDT, 2014, p.232). Não se pode saber e compreender senão aquilo que se faz por si próprio. É a substituição do saber pelo fazer e do trabalho pelo jogo, onde a criança deve aprender falando, ou seja, fazendo e jogando.

A intenção consciente, segundo Arendt,

> [...] não é de ensinar conhecimento, mas sim de inculcar uma habilidade e o resultado foi uma espécie de transformação de instituições de ensino em instituições vocacionais.que tiveram tanto êxito em ensinar a dirigir um automóvel ou a utilizar uma máquina de escrever [...] como ter êxito com outras pessoas e ser popular [...] (ARENDT, 2014, p.232).

Essa teoria do fazer casa-se perfeitamente com a do professor que ensina qualquer coisa, visto que, como afirmado anteriormente, desobriga o professor de possuir conhecimentos teóricos mais sólidos. Assim, a habilidade supera o conhecimento, a brincadeira substitui o trabalho sério. No entanto, vale ressaltar que Arendt não está colocando à prova a ação originária da criança que se encontra no ato de brincar. Todavia, o que ela constata é que essa valorização da realidade infantil não promove o amadurecimento necessário para que o jovem possa construir o conceito de responsabilidade pelo mundo, já antes descrito nessa dissertação. Arendt acrescenta que

a criança, em seu tempo de amadurecimento, deve ser instigada, pela ação do exemplo, a se tornar um adulto responsável pelo mundo. E, nesse contexto, a Educação toma a figura do professor como o exemplo para esse jovem.

3.4 - Uma proposta de material didático para o Ensino Médio: Uma ponte ao Filosofar

Em pleno século XXI ainda observamos práticas em sala de aula que privilegiam a informação em detrimento da formação. Ainda observamos práticas escolares que enfatizam a memorização desenfreada, colocando o professor muitas das vezes em uma posição de saber absoluto. O professor, nesse sentido, é aquele que educa e o aluno é o que deve ser educado. O professor é o que ensina e o aluno é sempre o que deve aprender. O professor é o que fala e o aluno é o que deve sempre ouvir. Se o professor é sempre o que educa, o que ensina, o que fala, cabe aos alunos a obediência e a docilidade.

A esse tradicionalismo se opõe o pragmatismo, também criticado por Arendt, por outras razões. É que o pragmatismo presente em alguns espaços escolares, em especial os norte-americanos da época de Arendt, defende a busca incessante e a valorização do novo e, por conseqüência, a rejeição ao tradicional, levantando como bandeira ou a máxima do estudante enquanto centro do processo de ensino aprendizagem, restando ao professor o papel de coadjuvante e a mercê das manifestações espontâneas e individuais dos estudantes.

Ambas as características apresentadas não levam em conta que a todo o momento chegam pessoas novas no mundo e que elas precisam ser educadas para o mundo e que esse é o maior objetivo da educação: a preservação e transformação do Mundo que já existe antes da criança e que permanecerá após a sua existência. Assumir essa responsabilidade em apresentar esse mundo para os estudantes é uma tarefa complexa, mas que não pode ser deixada de lado pelo professor. O professor nessa perspectiva não é o que se apresenta enquanto tirano dono de todo o saber, muito menos o que não tem nada a ensinar. A escola assim se coloca no lugar de quem vai preparar o estudante para o mundo dentro de um contexto que exige autoridade do professor e

respeito a tradição, sem matar a possibilidade de sua necessária transformação.

Que mundo estamos deixando para as novas gerações?

Qual está sendo a minha contribuição para o fortalecimento de um mundo onde a violência e o desrespeito ao outro não faça parte enquanto elemento norteador da convivência humana?

Onde está caracterizado o meu amor ao mundo?

Hannah Arendt ao defender o valor da vida ativa nos aponta para uma educação que leve em conta a formação de homens capazes de tornarem-se responsáveis pelo que fazem, e não apenas tornar-se corpos dóceis, obedientes, úteis e eficazes, incapazes de refletir sobre as conseqüências de suas ações. Esse padrão comportamental vai de encontro ao que Arendt em *A Condição Humana* vai denominar homem de massa. São os homens que, como já vimos na nossa análise do totalitarismo, busca referências prontas e se mostram vítimas de suas mentes domesticadas.

Na contramão do homem de massa, Hannah Arendt retorna ao conceito de vida ativa onde o ser humano se constrói não apenas pelo trabalho, mas também no processo da ação e, assim constituindo-se, coloca como grande legado criar formas e convivências que vão para o além da própria sobrevivência e das necessidades básica da vida. Nessa perspectiva, apresentamos uma proposta de material didático que possa ir para além de um manual a ser seguido pelo professor e por alunos.

O nosso objetivo é apresentar uma proposta de material didático que possa servir de ponte para a reflexão sobre o que estamos enquanto seres humanos fazendo com o mundo que estamos deixando para as futuras gerações e de que forma o ensino de Filosofia pode contribuir com essa reflexão.

3.4.1 A experiência do *podcast* enquanto proposta de material didático no ensino de Filosofia

Cabe-nos, nessa leitura de Hannah Arendt, entender o ser humano como “homens” com toda a sua singularidade e pluralidade que lhes é peculiar, onde o conceber e o reconhecer os constituem enquanto o que eles mesmos são.

É nesse sentido que a responsabilidade do professor se apresenta ainda mais latente. Enquanto professor ele é responsável pela educação de seus alunos, mas também faz parte de seu papel assumir a responsabilidade pelo mundo. É de sua responsabilidade não só apresentar o mundo ao jovem, mas também reapresentar-lhes o mundo como algo que lhe diz respeito e deverá ser futuramente objeto do seu cuidado. Para ser representante do mundo, o professor não precisa necessariamente consentir com tudo o que existe nele, porém não pode deixar de ter um apreço por ele.

Encontrar um caminho para contextualizar em sala de aula as reflexões aqui apresentadas nos parece um grande desafio. Esse desafio poderia decerto seguir o caminho de um ensino mais enciclopédico, transmitindo aos estudantes os conceitos e definições. Mas, ao contrário de um ensino enclausurado em suas verdades e no cárcere do seu certo ou errado, propomos uma ação filosófica que aproxime nossos estudantes do fazer filosófico e da reflexão: uma ação filosófica que possa contribuir com o ouvir e o falar.

Nossos estudantes estão a todo instante falando, nos dizendo algo. Seja pela passividade. Pela indisciplina. Pela violência. Pela docilidade. Eles estão dizendo algo. O que enquanto Seres Humanos precisamos construir é a capacidade de ouvir.

Assim sendo, fizemos a opção do *Podcast* como possibilidade educativa para o ensino da filosofia, tendo em vista que o volume de informação disponível, a riqueza de formatos e a disseminação do acesso à internet abrem inúmeras perspectivas para esse jovem que a todo instante está sendo bombardeado com informações. Refletir sobre esse bombardeio de informações a partir da concepção de um mundo que é plural, mas que precisa também preservar a sua singularidade, isso nos parece um grande fio condutor para a ação e pensamento filosófico.

O termo podcast é resultado da soma de duas palavras *Ipod*[2] e *broadcast*[3] - arquivo de áudio que podem ser ouvidos via web ou descarregados diretamente em computador ou dispositivo móvel.

[2] Dispositivo de reprodução de áudio- vídeo

[3] Método de transmissão ou distribuição de dados

Nas palavras de Carvalho:

> O podcast é um [arquivo] áudio ou vídeo, distribuído através da Internet, que pode ser subscrito através de RSS (*Really Simple Sindication*) *feeds* e é facilmente descarregado para o computador, leitor de MP3, MP4 ou [celular], como exemplos dos dispositivos móveis mais usados. (CARVALHO, 2009).

Apesar do podcast ainda não ser uma experiência frequente nas ações educacionais, contribui para a escolha desse material didático além dos já discorridos nesse trabalho, a relativa simplicidade de sua produção. Basicamente é necessário: computador, microfone e uma placa de áudio com capacidade de gravação e reprodução de sons. Outro fator que merece destaque refere-se à facilidade de acesso aos dispositivos eletrônicos: pendrives, MP3 e celulares, onde as informações podem ser baixadas para o dispositivo que desejar, contribuindo assim, para o enriquecimento de um ensino amplo e menos excludente, potencializando a ação pedagógica.

Assim, segundo FREIRE:

> O *podcast* potencializa ações pedagógicas mais práticas, interessantes, diversificadas e ricas. Assim, a sua inserção na Escola, considerando as particularidades do contexto vigente, fornece uma gama de possibilidades, marcando, por conseguinte, a pertinência do exercício dos diversos modos de uso do *podcast* no meio escolar. (FREIRE, 2012)

3.4.2 Metodologia de uso dos podcasts

Os *podcasts* serão produzidos a partir de Rodas de Conversa que nos permitam um espaço aberto e contínuo de experiências significativas de pensamentos, a partir do conceito de *pluralidade humana* em Hannah Arendt e terão enquanto referência teórica os textos de Hannah Arendt: Crise na Educação e *O que é Política?* As falas provenientes da Roda de Conversa serão de caráter qualitativo; as opiniões expressas serão discutidas pelos alunos participantes, podendo as opiniões divergir. O que estará em jogo, acima de tudo, será a capacidade do estudante de ouvir e ser ouvido - além do

poder de argumentação - em um movimento contínuo de diálogo crítico e respeito ao outro e uma aproximação entre o conhecimento filosófico e suas vivências.

Nesse sentido, podemos sinalizar que, sendo sabedores de que o Mundo é fruto do artificialismo humano, ou seja, que são os homens a partir de seus artefatos que criam esse mundo que nos cerca, ele (o Mundo) só se estabelece enquanto lar quando ele é constituído de um espaço de sujeitos, espaço da ação humana. Somos humanos à medida que nos relacionamos e interagimos de forma mais positiva possível no mundo que vivemos, interagimos com o outro e contribuímos na construção de um mundo menos excludente e intolerante.

Ao final de cada Roda de Conversa, serão realizados registros escritos das reflexões oriundas do debate, buscando o diálogo como os textos filosóficos apresentados. O aporte teórico tem sua importância na medida em que acreditamos na importância da contribuição dos filósofos para que possamos pensar nos problemas de nossos tempos. O podcast será produzido a partir dos registros provenientes das Rodas de Conversa que, por sua vez, se beneficiarão da sensibilização produzida pelo jogo peripatético, discutido no próximo tópico.

As discussões e indagações partirão de um tema central, a saber:

- Tema 1 – Roda de Conversa: POR QUE JOÃOZINHO NÃO SABE LER?

Joãozinho não sabe ler porque as condições das escolas são péssimas, professores mal remunerados e as greves constantes. Impossível qualquer aluno aprender quando não tem-se um espaço físico adequado e professores desmotivados pela falta de valorização.

(Depoimento da Professora Márcia.)

- Tema 2 - Roda de Conversa: "*O mundo é criado por mãos humanas para servir de casa aos humanos durante um período muito limitado*."
- Tema 3 – Roda de Conversa: "*Não esperemos que os professores concertem as falhas na educação dos filhos."*
- Tema 4 – Roda de Conversa: *Existe sentido para a Política?*
- Tema 5 – Roda de Conversa*: "O homem é em sua essência apolítico."*

A partir dessas indagações estaremos ampliando nosso olhar para conceitos fundamentais de Hannah Arendt como: mundo, responsabilidade, pluralidade.

O material didático produzido será um *PODCAST* fruto das reflexões oriundas da Roda de Conversa. Após a produção do PODCAST, o material pode ser apresentado aos estudantes de outras turmas, pelos próprios estudantes sob a orientação do professor, assim como servir de suporte didático para o professor na apresentação do texto filosófico de Hannah Arendt. Sabemos o quanto é desafiador abordar conceitos não usuais, presentes nos textos filosóficos de Hannah Arendt em turmas do Ensino Médio, seja pela complexidade textual, seja pela dificuldade que nossos estudantes têm em noções básicas de leitura e escrita. O que pretendemos com a apresentação deste material didático - já dito anteriormente – não é apresentar um manual a ser seguido cegamente por professores de filosofia ou áreas afins. O que estamos propondo é reduzir o descompasso entre a complexidade do texto filosófico e de conceitos arendtianos em relação à realidade dos educandos e sua percepção individual do mundo, para, com isso, favorecer a abertura para o filosofar. A possibilidade dessa abertura, nem por isso, há de se dar de forma isolada e sem a participação e responsabilidade do professor.

Fica, assim, aqui apontada como proposta didática a possibilidade de utilização dos PODCASTS na viabilização da leitura e discussão de textos filosóficos e seus conceitos, no caso textos de Arendt envolvendo conceitos políticos administrados de forma acessível aos estudantes do Ensino Médio, textos que contribuem na percepção da forma em que os conceitos da autora dialogam com os seus problemas. Com a proposta de utilização do PODCAST, estabelece-se um movimento de levar o texto de Arendt à realidade do aluno. Com esse incentivo os alunos são convidados a pensar filosoficamente e não apenas conhecer os conceitos postos no texto de Arendt. Tem-se em vista que os PODCAST são frutos das Rodas de Conversa que se desenvolvem a partir de temas já apresentados no decorrer deste trabalho. Outra contribuição relevante na proposta do PODCAST enquanto material didático refere-se à possibilidade da troca de opiniões sobre os assuntos abordados com outras turmas. Nesta perspectiva, os alunos podem ser incentivados a dialogarem com alunos que não estão fisicamente presentes, isto é, utilizando o aporte pedagógico do PODCAST.

Cabe nesta etapa do trabalho esclarecer que o PODCAST enquanto proposta de

material didático e fruto das Rodas de Conversa caracteriza-se como etapa de registro, que prevê, anteriormente, um momento de sensibilização, com o objetivo de contribuir para o despertar do interesse do estudante para a reflexão filosófica a partir de situações que o levem a se colocar como sujeito do pensamento. Nesta caminhada inicial se vale precisamente do Jogo Peripatético, enquanto momento lúdico e de sensibilização.

3.4.3 O jogo PERIPATÉTICO: momento de sensibilização e provocação

No atual momento do ensino, os professores se deparam com uma situação a cada dia mais frequente: o desânimo e desinteresse dos alunos. Essa é uma realidade que permeia boa parte das aulas de filosofia do ensino médio. Não estaremos nesse momento identificando as causas de tamanho desinteresse. Mas podemos *a priori* sinalizar que a distância que se estabelece entre o conteúdo apresentado e a realidade do aluno é um fator que merece destaque, assim como o número excessivo de aulas meramente expositivas.

Com a proposta aqui apresentada acerca da produção do material didático - podcast fruto das Rodas de Conversa - nos cabe nessa parte do nosso trabalho, esclarecer a importância do momento de sensibilização.

O momento de sensibilização aqui proposto - momento esse que será anterior às Rodas de Conversa - se dará através da participação dos alunos em um jogo que intitulamos: PERIPATÉTICO.

O presente jogo foi criado para ser um jogo provocativo e não apenas um jogo de vencer ou perder, tornando-se dessa forma uma poderosa ferramenta para despertar o interesse do estudante aos temas que serão apresentados, dentro de um ambiente de ludicidade que é muito mais propício ao sucesso da aprendizagem do que aulas exclusivamente expositivas. Com o jogo Peripatético, pretendemos que o estudante se perceba enquanto elo condutor entre o que ele diz e a forma como se vê inserido nesse mundo - Mundo esse que é produto da ação humana e onde se apresentam as contradições, a pluralidade, o ódio, o rancor, o bem, o mal, o feio e o belo. Mundo onde não podemos nos apresentar como meros espectadores. Precisamos aprender a nos situar

nesse mundo para assim podermos agir de forma positiva sobre ele.

Precisamos nos ver enquanto caminhante em um mundo em constante movimento.

Qual seria então o papel do professor dentro de uma proposta de educação centrada no estudante e no mundo?

O professor nessa perspectiva precisa assumir a responsabilidade em apresentar esse mundo aos mais novos a partir de uma educação centrada no aluno e no mundo tendo em vista que o mundo não gira ao redor dos interesses privados do aluno.

Hannah Arendt adverte que:

> Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação. Na educação, essa responsabilidade pelo mundo assume a forma de autoridade. (...) Face à criança, é como se ele – professor-, fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: - Isso é o nosso mundo. (ARENDT, 2011, p.239).

A autora afirma ainda que a essência da educação é a natalidade, ou seja, só existe educação porque a todo momento chega gente nova ao mundo. O nascimento inicial tem caráter biológico, e nos coloca no mundo naturalmente. É o momento onde nossas necessidades básicas de sobrevivência estão latentes. Precisamos ser protegidos, cuidados, em um espaço privado de acolhimento.

O segundo nascimento – natalidade – nos insere no mundo através dos atos e palavras, ela nos coloca no mundo em um espaço de coexistência com outro onde a partir daí, nascemos com o outro e para o outro. Com isso, nos mostramos ao mundo de uma forma tão singular e inédita que instauramos no mundo algo novo a partir de seu amor ao mundo. Instaurar algo novo ao mundo significa agir sob esse mundo que é comum e fruto das ações humanas. E é nessa interação com o outro que os homens se humanizam.

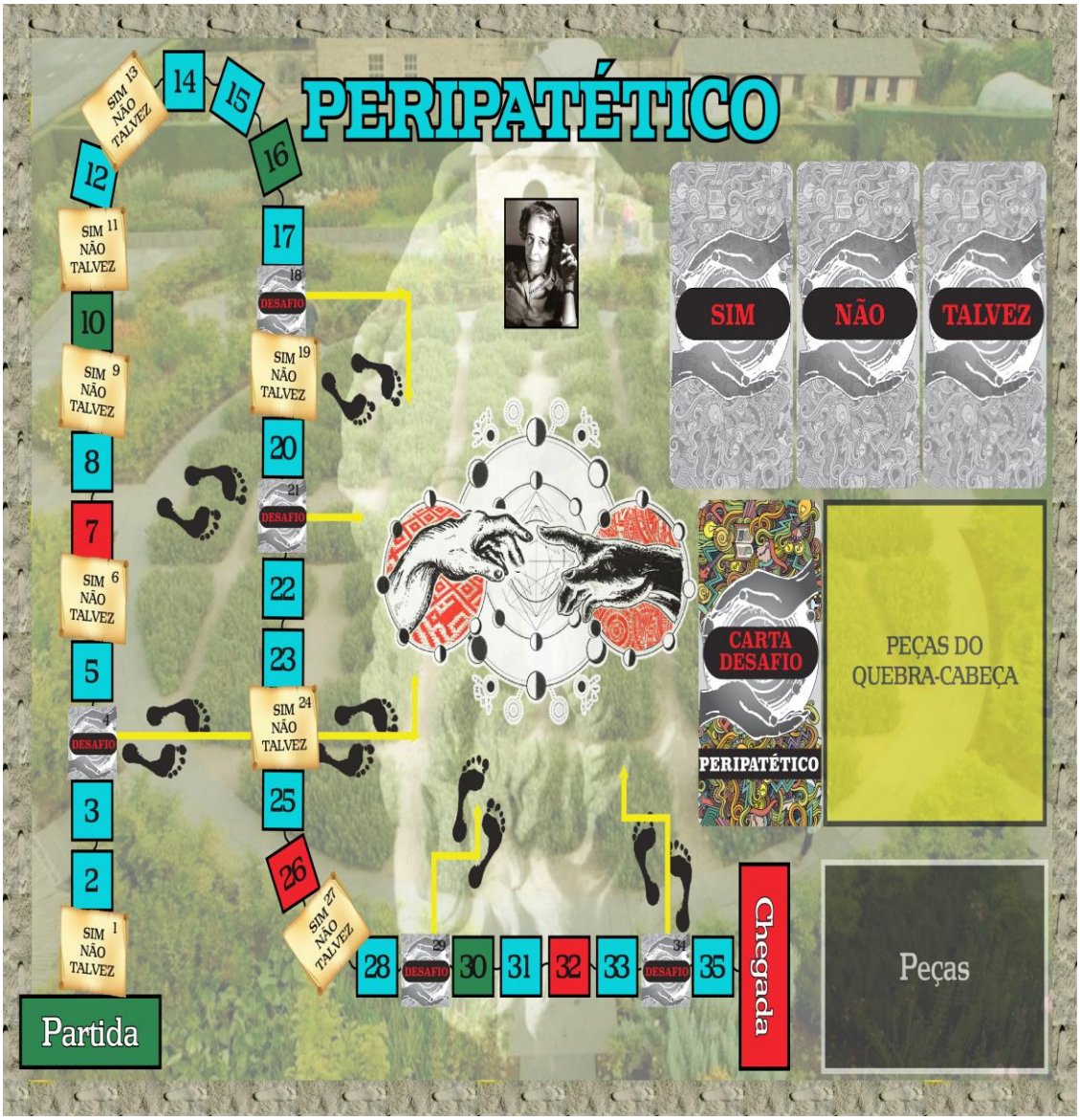
Com o jogo peripatético articulado à proposta do PODCAST oriundo das reflexões ocorridas durante as Rodas de Conversas – já apresentadas nesta dissertação - pretendemos abrir a possibilidade de estabelecer relações reais do espaço comum – representatividade do mundo – onde os estudantes terão a possibilidade de perceber que as situações ali apresentadas através das cartas do tabuleiro são frutos das ações humanas. Boas ou más, elas existem porque nós existimos,

Em grande medida, pretendemos ainda, a partir dos fragmentos dos textos de Hannah Arendt, presentes no jogo peripatético e nas Rodas de Conversa, que o estudante perceba que existe uma pluralidade humana presente neste mundo que não pode ser negligenciada ou esquecida. Com o resultado do PODCAST, apresentamos aos outros a singularidade e pluralidade existente entre os homens. Quando estamos no mundo, agimos em concerto: ouvindo, falando, ponderando, utilizando de nossa singularidade para aparecer neste mundo em uma perspectiva de respeito à pluralidade humana. Não somos soberanos neste mundo. Precisamos do outro. Precisamos de gente com a gente para aparecer neste mundo.

Dessa forma, o conceito de natalidade vai além do biológico, ele passa a ter um caráter político. Para Arendt, a política não é natural ao homem. Ela surge entre os homens por força dos próprios homens. Os estudantes estão na escola para nascerem para a vida política e o professor é aquele que no campo de sua autoridade, assume a responsabilidade de contribuir na formação dos que estão chegando ao mundo. Nesse sentido, o jogo peripatético aqui apresentado aponta um caminho possível para o professor apresentar esse mundo aos estudantes tendo enquanto grande aporte teórico o texto Crise na Educação de Hannah Arendt.

3.4.4 O jogo

Figura 1- Jogo Peripatético



Fonte: Elaborado pela autora.

3.4.5. Entre o vencer ou perder, está o ouvir. Manual do Jogo Peripatético.

Este material didático é uma proposta dentro do Ensino de Filosofia e tendo como referência teórica o texto Crise na Educação de Hannah Arendt, de apresentar o mundo as crianças. Um mundo que é plural, ameríndio, afro, ... As cartas ora

apresentadas são uma tentativa inicial de pensar em voz alta, em uma atividade compartilhada de pensamento, onde os jovens podem dar voz às suas reflexões, seus dizeres, seus falares. É uma oportunidade de darmos ouvidos aos que os nossos jovens estão nos dizendo. Essa dinâmica de ouvir nos parece ser o que temos de mais precioso nesse material didático, pois o falar está posto.

Nossos jovens falam quando em sala de aula, seus olhares são desviados para o que está fora da sala e não para o que está sendo gritado pelos professores dentro dela. Nossos jovens falam quando usam de violência com um amigo no pátio da escola ou quando um professor é violentamente agredido pelas mãos fortes de quem deveria estender a mão e receber o testamento fornecido pelo professor, que são suas histórias, suas narrativas, seus saberes. Nossos jovens falam quando fazem suas escolhas a partir do que vêem na televisão. Nossos jovens falam quando na calada da noite são assassinados por policiais que além da escuridão da noite, vêem apenas a cor negra de sua pele. Nossos jovens falam quando ateiam fogo no índio que estava caminhando ou dormindo. Nossos jovens falam quando com suas mãos ainda pequenas e firmes trancam os portões das escolas com enormes cadeados e dançam, cantam, lêem, debatem, grafitam.

Precisamos dar ouvidos a essas falas.

O material didático apresentado é uma experiência de diálogo dentro de uma perspectiva de público e privado, onde os jovens podem se revelar enquanto aqueles que através do diálogo consigo mesmo e com o outro, tomam uma decisão pelo bem comum. Não existe o ganhador ou o perdedor. Existe o ouvir, o falar, o agir.

Quando são colocados a retirar uma carta, eles precisam a partir de suas concepções que são particulares posicionaram-se positivamente (SIM), negativamente (NÃO) ou relativamente (TALVEZ). Para isso eles fazem – mesmo que de forma simples- um distanciamento sobre o que está posto e pensam sobre o fato. E quando se posicionam eles agem sobre o dialogo feito. Diálogo consigo mesmo e com o outro.

3.4.6. PEÇAS DO JOGO:

01 – Um (01) tabuleiro com 35 espaços numerados.

02 - Seis (06) peões coloridos:

03 - Um pacote com cinco (5) cartas DESAFIO (atividades em grupo)

04 Um envelope contendo 12 cartas (CARTA SIM, CARTA NÃO e CARTA TALVEZ)

05 - 1 envelope com 08 cartas contendo imagens (01 manchete de jornal, 07 imagens)

06 - 1 dado de seis faces

07 – 1 envelope contendo as peças do quebra-cabeça.

08 – 08 cartas SIM – NÃO – TALVEZ

09 – 03 cartas verdes (AVANÇAR) e 03 cartas vermelhas (RODADA SEM JOGAR).

3.4.7 JOGADORES:

Sugestão: de 04 a 06 jogadores.

A intenção é criar oportunidade para ouvir e ser ouvido a partir de um ambiente de reflexão e ludicidade, com respeito a opinião do outro. Dessa forma, outra vertente do jogo pode ser a organização em duplas, trios ...

3.4.8. DINÂMICA DO JOGO:

1. Colocar os peões no tabuleiro conforme o número de jogadores. Cada jogador escolhe um peão. A ordem de escolha pode ser sorteada no dado.
2. Colocar as cartas no tabuleiro conforme as seguintes identificações: **SIM, NÃO** e **TALVEZ (**Anexo D**)**. As respectivas cartas encontram-se no envelope de cor amarelo.
3. Colocar as CARTAS DESAFIO (Anexo A) no tabuleiro. As respectivas cartas encontram-se no envelope de cor azul.
4. Colocar no tabuleiro as peças do quebra-cabeça. (Anexo E).
5. As demais cartas poderão ser organizadas no entorno do tabuleiro para facilitar a sua leitura. (Anexo B - Cartas SIM – NÂO – TALVEZ), (Anexo D – imagens) e (Anexo C - Cartas verdes e vermelhas).
6. Cada jogador (a) joga o dado e quem tiver o maior número inicia. A ordem segue o mesmo critério. Os de maior número jogam primeiro.

7. Cada jogador irá caminhar pelo tabuleiro de acordo com o correspondente ao número que caiu no dado. Ao chegar na casa, deverá seguir as orientações registradas no caminho do tabuleiro. Existem casas onde o jogador deverá após leitura e reflexão, decidir pelo **SIM** ou pelo **NÃO** ou pelo **TALVEZ**. (Anexo B).

8. Ao decidir pelo **SIM** ou pelo **NÃO** ou pelo **TALVEZ**, ele deve justificar a sua escolha. Os demais jogadores também podem - se desejarem -, manifestarem sua opinião. O que será avaliado é se houve uma justificativa plausível e não a decisão do jogador. A decisão de cada um deverá ser respeitada. A decisão será feita oralmente acompanhada pela Carta que consta no tabuleiro intitulado: SIM – NÃO – TALVEZ. (anexo D). Dessa forma fica garantida a possibilidade de fala dos jogadores em um diálogo de respeito a vez e a voz do outro. Existe a possibilidade de mudança de opinião após ouvir o argumento do colega. Essa decisão em nada invalida a jogada.

9. A resposta será avaliada pelos demais participantes que decidirá se foi cumprida a tarefa de forma satisfatória. Se a decisão for positiva, ele avança 1 ou 2 casas. Se for negativa, ele fica uma jogada sem jogar e repete o questionamento.

10. Ao caminhar pelo tabuleiro, se parar na COR VERDE, o jogador deve pegar 1 carta de cor verde e AVANÇAR 1 ou 2 CASAS.

11. Ao caminhar pelo tabuleiro, se parar na COR VERMELHA, o jogador deve pegar 1 carta de cor vermelha e FICAR 1 ou 2 RODADAS SEM JOGAR.

12. No tabuleiro existem as cartas DESAFIO. Elas devem ser realizadas pelo grupo (todos os jogadores), independente de quem tenha caído na casa do tabuleiro. Se a tarefa for cumprida, todos avançam 1 ou 2 casas e montam 1 peça do quebra-cabeça.

13. Caso contrário, o jogador que caiu na casa DESAFIO, fica 1 jogada sem jogar e repete o DESAFIO na próxima jogada.

14. O jogo termina quando o quebra-cabeça for montado.

15. Na possibilidade de todas cartas DESAFIOS não serem utilizadas, o jogo deverá ser reiniciado até que a(s) carta(s) desafio restante seja utilizada e o quebra-cabeça montado.

Considerações Finais

Durante todos os passos que percorremos na realização desse trabalho e os caminhos que foram seguidos, vimos que, segundo Hannah Arendt, na Era Moderna ocorre a crescente decomposição das bases de um possível mundo comum, resultando finalmente na sociedade de massa, na qual as experiências humanas fundamentais são o abandono e o consumismo.

Outro aspecto relevante apontado por Hannah Arendt, diz respeito à afirmação de que a *essência da educação é a natalidade*, em que, dentro desse contexto, o professor é o grande mediador entre o mundo já existente e a nova geração que acaba de chegar. Sendo assim, ele, enquanto mediador, é o grande representante desse mundo para as novas gerações. A postura do professor é sumamente importante, pois ele é o referencial de mundo, modelo de todos os adultos, diante do jovem. Com isso, segundo Arendt, é exigida de um autêntico professor a qualificação e a autoridade, que são distintas pelo fato de que "a qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo". (ARENDT, 2014, p.239).

Mas como ser representante de um mundo onde ele mesmo é um estranho nesse lugar? Um mundo extremamente instável, sem garantias de que todos possam ter um lugar nele, onde cada um está, a cada nova geração que se apresenta, ainda mais preocupado com a própria sobrevivência, onde o ter é muito mais importante do que o ser?

Vivemos em um mundo onde lutamos a cada dia para mostrar que temos algum valor, que temos importância. Caso contrário, poderemos ser substituídos ou excluídos. Como fomentar na criança o interesse pelo legado histórico se o único futuro que ela deslumbra é o de sobreviver a qualquer custo? Como o professor pode sentir-se parte de um mundo que não o reconhece como tal?

Poderíamos elencar várias outras questões que nos levariam a seguir interrogando a Crise que se abate na educação. Hannah Arendt, no entanto, não tem a pretensão de responder a tais questionamentos.

Ela nos deixa o legado, através do ensaio *A crise na educação*, de que devemos ver a crise que se abate como um momento de reflexão. É preciso refletir sobre a

própria crise, pois a perda da capacidade de interferir diretamente na realidade é o que a mantém. A crise, nessa perspectiva, é momento de crescimento. Precisamos refletir sobre o que ocorre sob a ótica do renovo. Precisamos, a partir da crise que se apresenta renovar as nossas esperanças de que a mudança é possível de acontecer, atentando para o fato de que a mudança deve vir acompanhada de respeito ao passado e responsabilidade pelo mundo que pertencemos.

Assim, o essencial é assumirmos o fato da natalidade, de que somos responsáveis por trazer seres ao mundo e conduzir a relação adulto-criança. *Quem se recusa a assumir tal responsabilidade do mundo, não deveria ter filhos nem deveria ser permitido participar da educação, afirma* Hannah Arendt (ARENDT, 2014, p,238). Diante disso, Hannah nos deixa a reflexão de um grande impasse que aflora na educação da Era Moderna: Deixar-nos levar pelo simples fato de sobreviver diante de um mundo sem sentido, desistindo assim do mundo e de nossas crianças, ou resolveremos que, apesar de tudo, apostaremos no mundo e cuidaremos dos novos?

A resposta a essa pergunta é dada pela autora na seguinte afirmação: “Eu só sei que não podemos abrir mão das crianças e do mundo”.

Essa maneira de lidar com o problema, a partir da concepção de Hannah Arendt, sem apontar fórmulas mágicas e definitivas para solucionar a crise, abriu caminhos para nos levar ao entendimento de que possíveis soluções só poderão ocorrer a partir de nossas inquietações e reflexões sérias.

Sendo assim, permaneceremos no desejo de contínuo aprofundamento e estudo de toda a sua obra e, por conseguinte, das vastas dimensões do pensamento dessa grande pensadora: Hannah Arendt.

Referências bibliográficas

Obras de Arendt

_____. **Pensamento e considerações morais**, in: A dignidade da política, RJ: Relume Dumará, 2002.

_____. **Essays in Understanding**: 1930-1954. New York: Schocken Books, 2005

_____. **Trabalho, obra, ação.** Trad. Adriano Correia. Em: Cadernos de Ética e Filosofia Política 7,2/ 2005, p. 175 – 201.

_____. **O que é Política?** Trad. Reinaldo Guarany. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Compreender: Formação, exílio e totalitarismo (ensaios) 1930** – 1954, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo, revisão técnica Adriano Correia, 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. **A vida do espírito – O pensar, o querer, o julgar**. Tradução de Cesar Augusto de Almeida, Antônio Abranches e Helena Martins. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____ **O que é política?** Fragmentos das obras Póstumas compilados por Ursula Ludz. Tradução de Reinaldo Guarany – 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

Obras de outros autores

ABBAGNANO, Nicalo. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução dos novos textos IVONE CASTILHO BENEDETTI, 5ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, T. (1965-1966) **Educação após Auschwitz**. In: Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995, pp. 119-154.

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Educação em Hannah Arendt**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES NETO, Rodrigo Ribeiro. **Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt.** Rio de Janeiro: PUC – Rio. São Paulo, 2009.

ANDRADE, Flávio Rovani. **A Crise na Educação de Hannah Arendt e a Crítica às concepções educacionais do pragmatismo**. Revista Sul-americana de Filosofia e Educação – RESAFE- Número 10: maio/2008-outubro/2008.

ANDRADE, Marcelo. **A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas,** in: Revista Brasileira de Educação, volume 15, nº 43, jan-abr 2010, p,109-125.

CALLEGARO, Ronaldo. **Notas sobre a crise na educação no pensamento de Hannah Arendt.** Revista Educação e Políticas em Debate, vol. 1, n. 2, 2012.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim. **Podcasts no ensino: contributos para uma taxonomia.** Revista Ozarfaxinars nº 8 2009. Disponível em http://www.cfaematosinhos.eu/Podcasts%20no%20Ensino_08.pdf . acessado em março de 2017.

DUARTE, André. **Hannah Arendt e a Modernidade: esquecimento e redescoberta da política**. 2001.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Aplicações escolares do podcast.** In: Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para aprendizagem (CONAHPA), 6, João Pessoa, 2013.

FREITAS, João Loyola de. **A crise na educação moderna segundo Hannah Arendt.** Griot, Revista de Filosofia. Bahia, Amargosa, vol. 2, n. 2, 2010.

GAUS, Günter. 1964. Zur Person. Porträts in Frage und Antwort. Munich: Feder Verlag (em catalão, "Només em Queda la Llengua Materna. Conversa amb Hannah Arendt", Saber, 13, primavera de 1987).

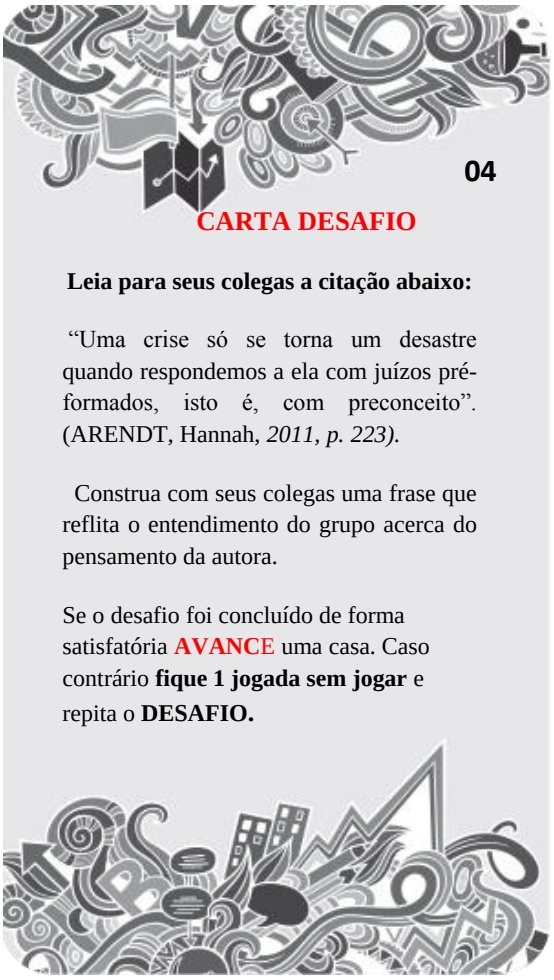
NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano – Um livro para espíritos livres**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

PLATÃO. ***Apologia de Sócrates***. Tradução de Fernando Melro. Lisboa: Europa-América, 1960, 17.

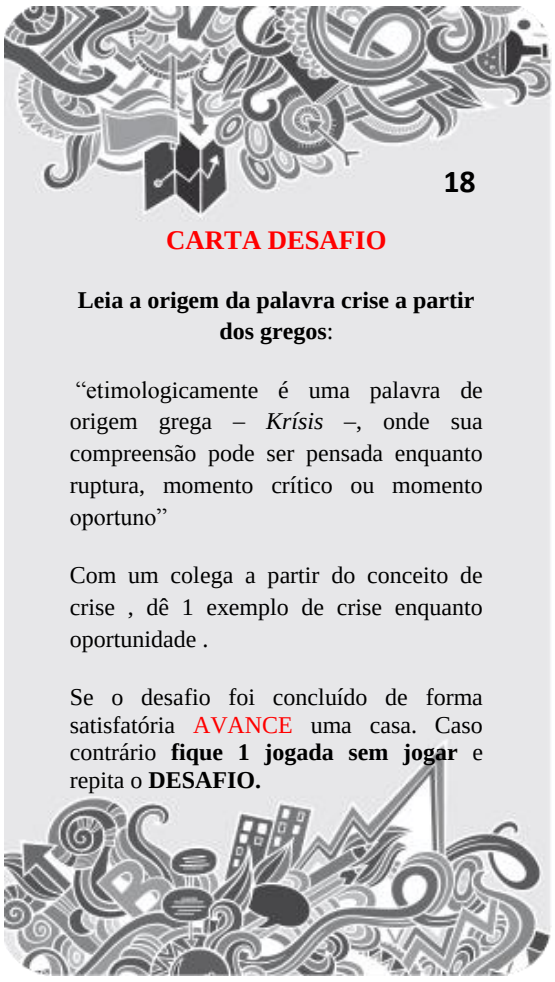
ANEXO A – CARTAS DESAFIO



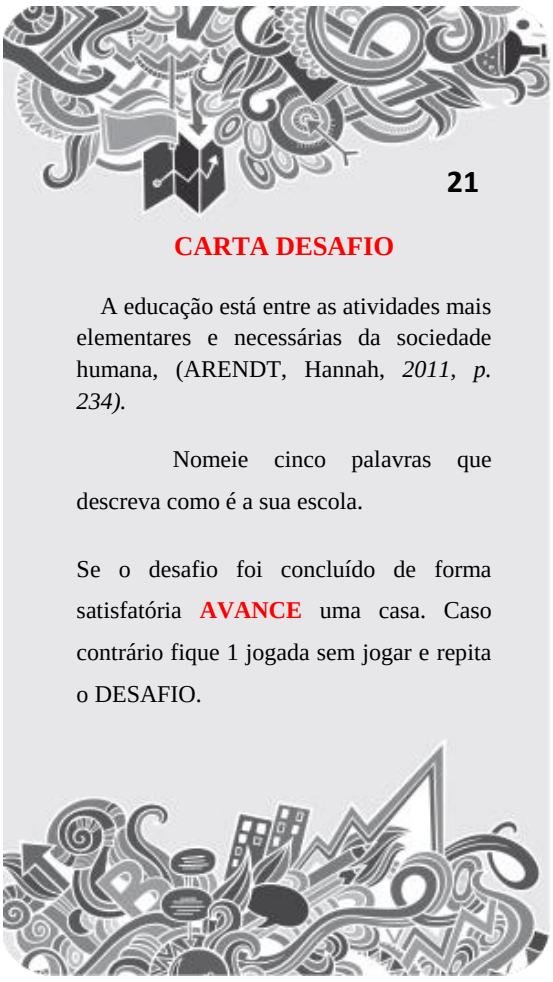
Frente das Cartas. Fonte: Autor



Verso da Carta 04. Fonte: Autor



Verso da Carta 18. Fonte: Autor



Verso da Carta 21. Fonte: Autor

29

CARTA DESAFIO

Durante a 2ª Guerra Mundial os alemães dizimaram cerca de seis milhões de judeus. **Auschwitz** exterminava seis mil pessoas por dia nas câmaras de gás.

Auschwitz era um dos campos de extermínio utilizado pelos alemães.

Construa com seus colegas uma frase de alerta para que essa situação nunca mais ocorra.

Se o desafio foi concluído de forma satisfatória **AVANCE** uma casa. Caso contrário fique 1 jogada sem jogar e repita o DESAFIO.

Verso da Carta 29. Fonte: Autor

34

CARTA DESAFIO

Retire do Banco de Imagens, uma imagem que melhor represente como você vê o mundo.

Convide seus amigos a realizarem a mesma tarefa. Justifiquem as suas escolhas.

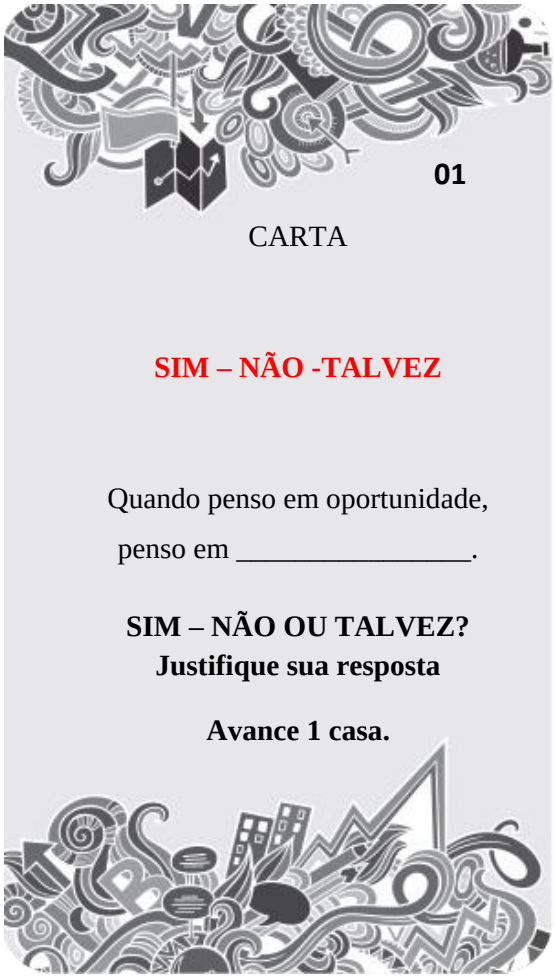
Se o desafio foi concluído de forma satisfatória **AVANCE** uma casa. Caso contrário fique 1 jogada sem jogar e repita o DESAFIO.

Verso da Carta 34. Fonte: Autor

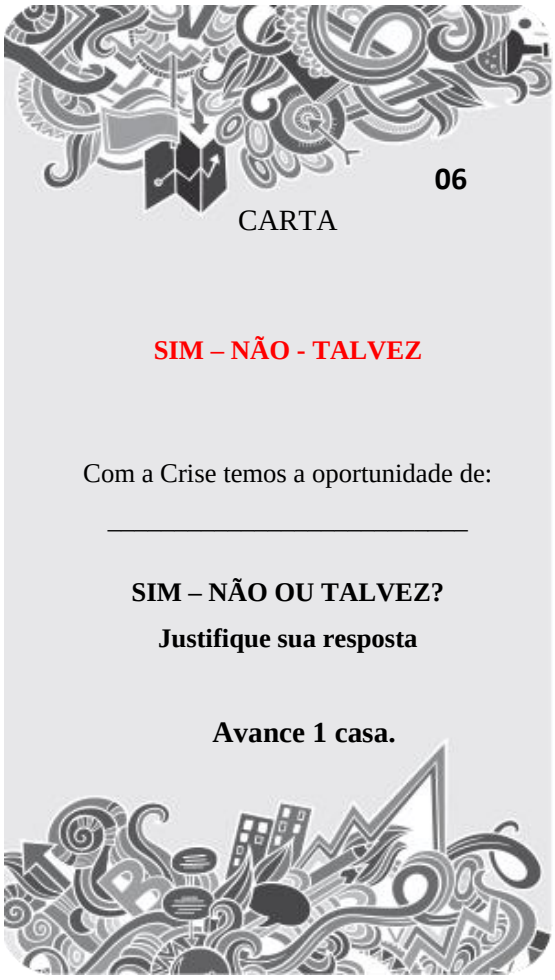
ANEXO B – CARTAS SIM – NÃO – TALVEZ



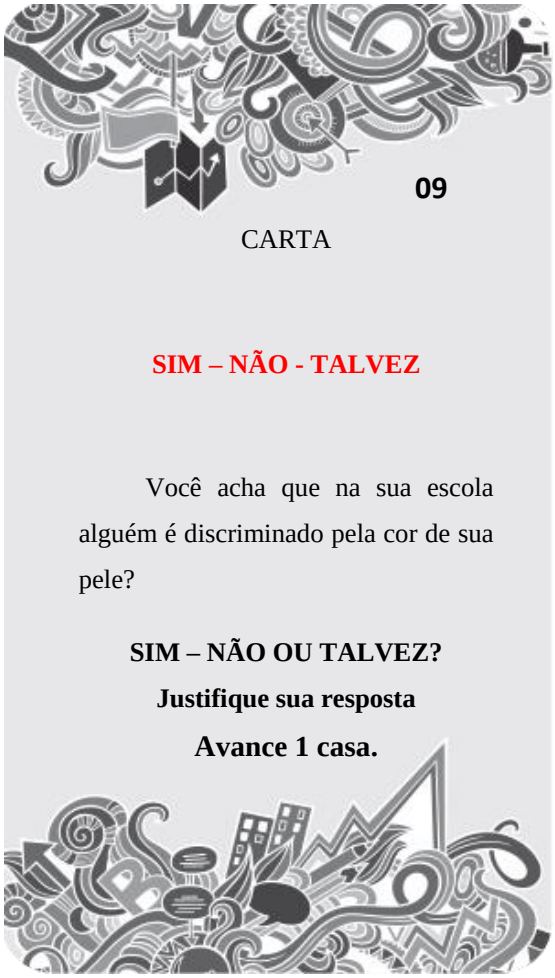
Frente da Carta : Fonte: Autor



Verso da Carta 01. Fonte: Autor



Verso da Carta 06. Fonte: Autor



Verso da Carta 09. Fonte: Autor

11

CARTA

SIM – NÃO – TALVEZ

1 - Faça uma leitura silenciosa da manchete do jornal abaixo:

"NA BOA, TEM DIA QUE A GENTE PERDE A FÉ NA HUMANIDADE."

2 - Vá até o banco de imagens e leia para o grupo a manchete do Jornal MEIA HORA.

3 – Após reflexão, escolha 2 jogadores para se posicionarem no SIM – NÃO - TALVEZ. **Justifiquem sua resposta.**

Avance 2 casas.

Verso da Carta 11. Fonte: Autor

13

CARTA

SIM – NÃO – TALVEZ

Leia este trecho:

"Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação". (ARENDT, Hannah, *2011, p. 239).*

SIM – NÃO - TALVEZ? Justifique sua resposta

Avance 2 casas

Verso da Carta 13. Fonte: Autor

CARTA **19**

SIM – NÃO – TALVEZ

Leia o Poema de Manual Bandeira:

O BICHO

Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa;
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

Ao ler o poema tenho o sentimento de surpresa.
SIM – NÃO OU TALVEZ? Justifique sua resposta. Avance 01 casa

Verso da Carta 19. Fonte: Autor

CARTA **24**

SIM – NÃO – TALVEZ

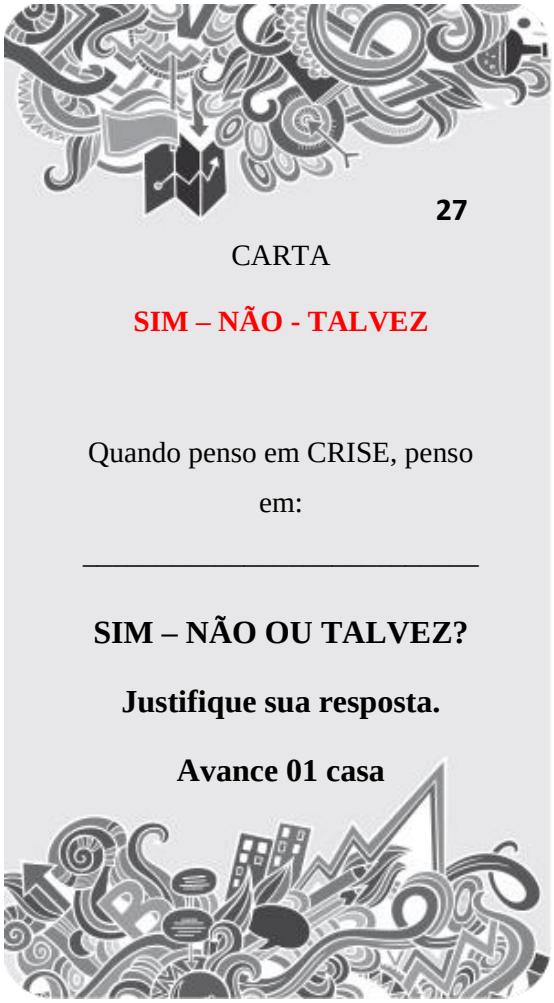
1 **- Observe a imagem abaixo:**



2 – NINGUÉM NASCE CONSUMISTA.

SIM – NÃO OU TALVEZ? Justifique sua resposta. Avance 01 casa

Verso da Carta 24. Fonte: Autor



Verso da Carta 27. Fonte: Autor

ANEXO C

CARTAS VERDES (avançar) CARTAS VERMELHAS (rodadas sem jogar)



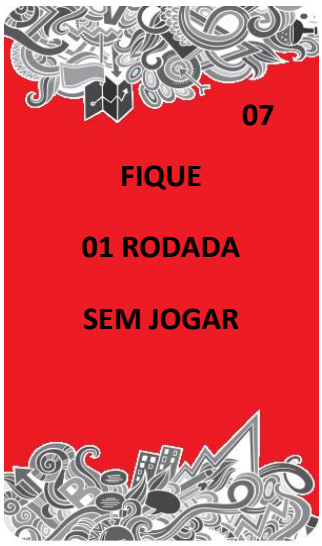
Verso da Carta 10. Fonte: Autor



Verso da Carta 16. Fonte: Autor



Verso da Carta 30. Fonte: Autor



Verso da Carta 07. Fonte: Autor



Verso da Carta 26. Fonte: Autor



Verso da Carta 32. Fonte: Autor

ANEXO D – BANCO DE IMAGENS



Fonte

Figura 01



Figura 02



Fonte: https://rabiscosenquadrados.blogspot.com.br

Figura 03



Fonte: https://galeria.colorir.com/mascaras/cara-1-pintado-por-sorriso

Figura 04



Fonte: Capa do Jornal Meia Hora

Figura 05



Fonte: /esquadraodoconhecimento. wordpress.com/linguagens-codigos/tirinhasdeportugues/

Figura 06



Fonte: http://taniagorodniuk.blogspot.com/2017

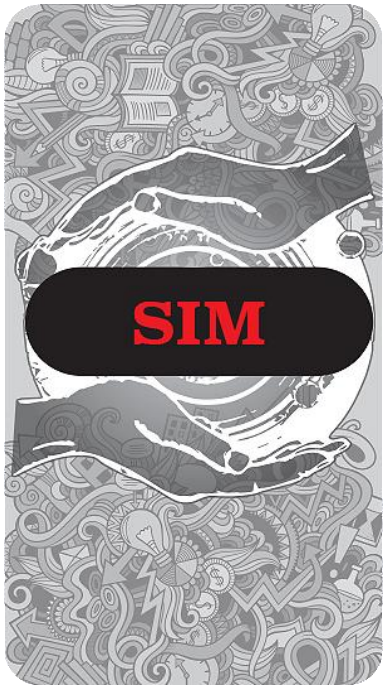
Figura 07



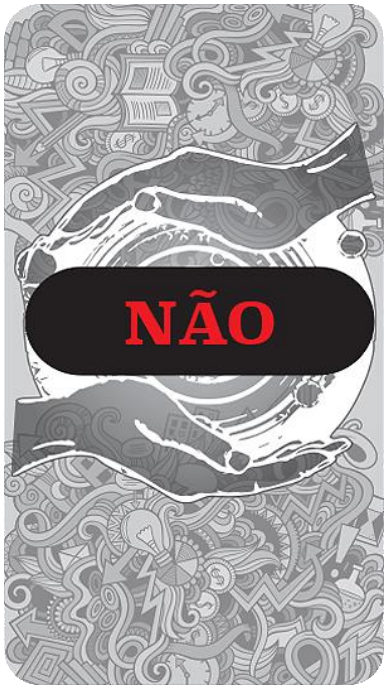
Fonte: http://profdulcineiaeducacaoespecial.blogspot.com/2014

Figura 08

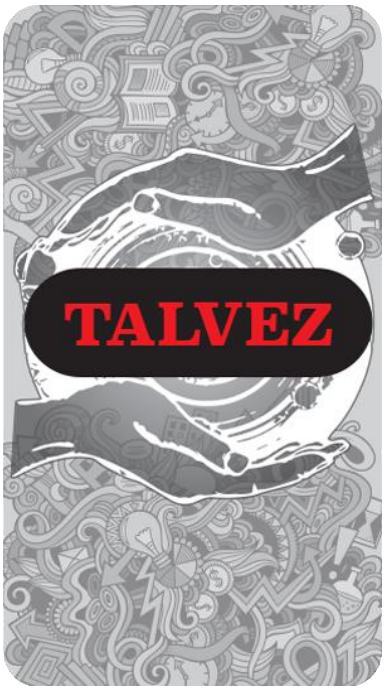
ANEXO D CARTAS SIM – CARTAS NÃO – CARTAS TALVEZ



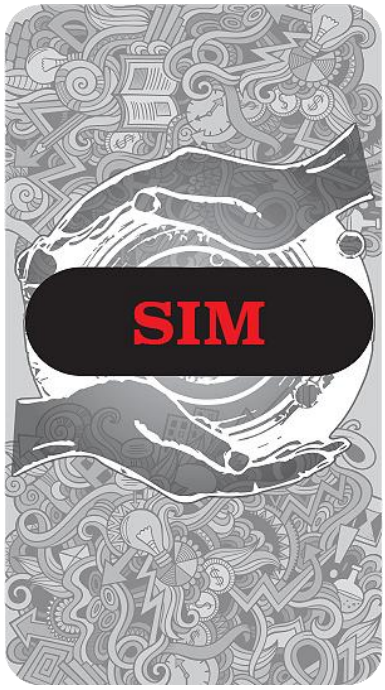
Fonte : Autor



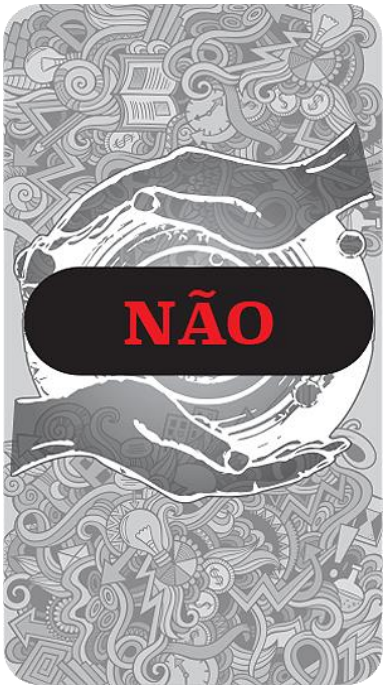
Fonte : Autor



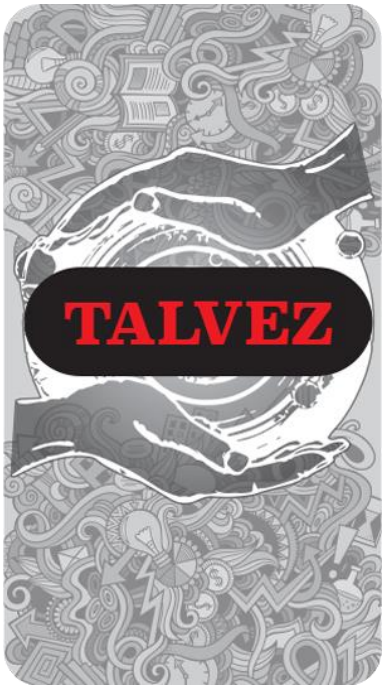
Fonte : Autor



Fonte : Autor

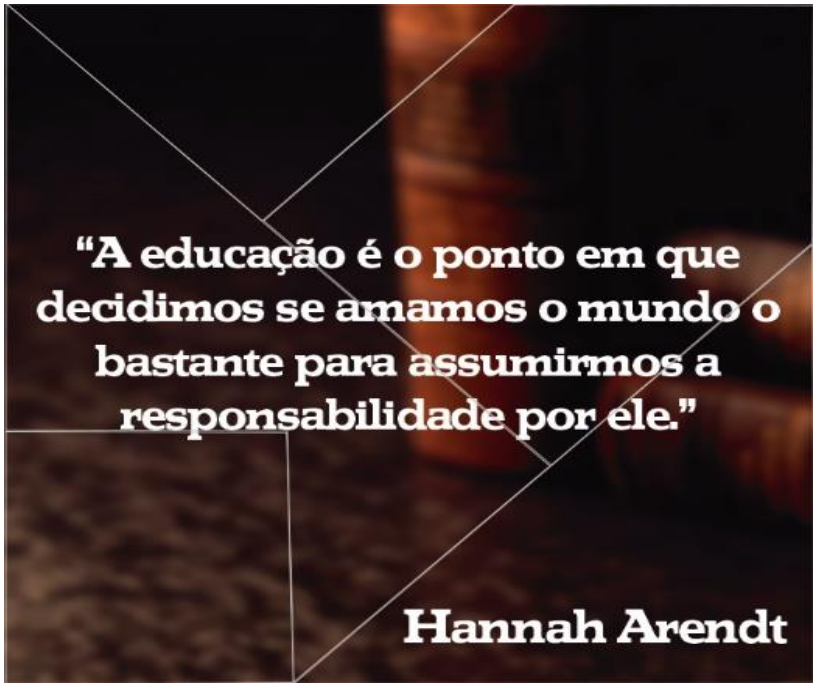


Fonte : Autor



Fonte : Autor

ANEXO E: QUEBRA-CABEÇA



Quebra-cabeça: Fonte - Autor